

ANO 10 - NÚMERO 122 - DEZEMBRO 2024

Xapuri

SOCIOAMBIENTAL

Distribuição: 15 nova 14 dez/24



CHICO MENDES: O GRITO VERDE QUE ANDA

p. 08

CONJUNTURA

Mau agouro não bate com o mundo real

p. 18

RESISTÊNCIA INDÍGENA

Txima: Ensinando a conversar com a floresta

p. 32

SUSTENTABILIDADE

"A beleza salvará o mundo": Dostoiowski nos ensina como

p. 40

**O sorriso de
uma criança faz
o futuro brilhar!**

**Mês das
Crianças**



JUNTOS
A GENTE FAZ
O FUTURO BRILHAR



Pés descalços, risadas soltas e um mundo de aventuras se constrói com solidariedade. **Doe para os projetos assistidos pela Fenaef e Apcef, em parceria com a Moradia e Cidadania, e ajude mais de 4 mil crianças e adolescentes espalhados pelo Brasil!**

Aponte a câmera do seu celular para o QR Code e conheça nossas iniciativas.



FENAE

FEDERAÇÃO NACIONAL DAS ASSOCIAÇÕES
DO PESSOAL DA CAIXA ECONÔMICA FEDERAL

Uma revista pra chamar de nossa

Era novembro de 2014. Primeiro fim de semana. Plena campanha da Dilma. Fim de tarde na RPPN dele, a Linda Serra dos Topázios. Jaime e eu começamos a conversar sobre a falta que fazia termos acesso a um veículo independente e democrático de informação.

Resolvemos fundar o nosso. Um espaço não comercial, de resistência. Mais um trabalho de militância, voluntário, por suposto. Jaime propôs um jornal; eu, uma revista. O nome eu escolhi (ele queria Bacurau). Dividimos as tarefas. A capa ficou com ele, a linha editorial também.

Correr atrás da grana ficou por minha conta. A paleta de cores, depois de larga prosa, Jaime fechou questão – “nossas cores vão ser o vermelho e o amarelo, porque revista tem que ter cor de luta, cor vibrante” (eu queria verde-floresta). Na paz, acabei enfiando um branco.

Fizemos a primeira edição da *Xapuri* lá mesmo, na Reserva, em uma noite. Optamos por centrar na pauta socioambiental. Nossa primeira capa foi sobre os povos indígenas isolados do Acre: *Isolados, Bravos, Livres: Um Brasil Indígena por Conhecer*. Depois de tudo pronto, Jaime inventou de fazer uma outra boneca, “porque toda revista tem que ter número zero”.

Dessa vez finquei pé, ficamos com a capa indígena. Voltei pra Brasília com a boneca praticamente pronta e com a missão de dar um jeito de imprimir. Nos dias seguintes, o Jaime veio pra Formosa, pra convencer minha irmã Lúcia a revisar a revista, “de grátis”. Com a primeira revista impressa, a próxima tarefa foi montar o Conselho Editorial.

Jaime fez questão de visitar, explicar o projeto e convidar pessoalmente cada conselheiro e cada conselheira (até a doença agravar, nos seus últimos meses de vida, nunca abriu mão dessa tarefa). Daqui rumamos pra Goiânia, para convidar o arqueólogo Altair Sales Barbosa, nosso primeiro conselheiro. “O mais sabido de nós”, segundo o Jaime.

Trilhamos uma linda jornada. Em 80 meses, Jaime fez questão de decidir, mensalmente, o tema da capa e, quase sempre, escrever ele mesmo. Às vezes, ligava pra falar da ótima ideia que teve, às vezes sumia e, no dia certo, lá vinha o texto pronto, impecável.

Na sexta-feira, 9 de julho, quando preparávamos a *Xapuri* 81, pela primeira vez em sete anos, ele me pediu para cuidar de tudo. Foi uma conversa triste, ele estava agoniado com os rumos da doença e com a tragédia que o Brasil enfrentava. Não falamos em morte, mas eu sabia que era o fim.

Hoje, cá estamos nós, sem as capas do Jaime, sem as pautas do Jaime, sem o linguajar do Jaime, sem o jaimês da *Xapuri*, mas na labuta, firmes na resistência. Mês sim, mês sim de novo, como você sonhava, Jaiminho, carcamos porva e, enfim, chegamos à nossa edição número 100. E, depois da *Xapuri* 100, como era desejo seu, a gente segue esperneando.

Fica tranquilo, camarada, que por aqui tá tudo direitim.



Arthur Wentz Silva
Estagiário



Emir Bocchino
Diagramador



Igor Stochit
Diagramador



Janaina Faustino
Gerente Executiva



Lúcia Resende
Revisora



Maria Leticia Marques
Redatora

EXPEDIENTE

Xapuri Socioambiental: Telefone: (61) 99967 7943. E-mail: contato@xapuri.info. Razão Social: *Xapuri* Socioambiental - Comunicação de Resistência Ltda. CNPJ: 10.417.786\0001-09. Endereço: BR 020 KM 09 – Setor Village – Caixa Postal 59 – CEP: 73.814.-500 – Formosa, Goiás. Edição: Zezé Weiss, Revisão: Lúcia Resende. Produção: Zezé Weiss. Jornalista Responsável: Thais Maria Pires - 386/ GO. Marketing e Responsabilidade Social: Janaina Faustino (61) 9 9611 6826. Mídias Sociais: Eduardo Pereira. Tiragem: Edição Impressa - 1.000 - 5.000. Envio Eletrônico - 100.000. Circulação: Todos os estados da Federação. Revista Web: www.xapuri.info. Distribuição: Todos os estados da Federação. ISSN 2359-053x.

Pertencesse ainda ao espaço físico desta Terra, neste 15 de dezembro Chico Mendes completaria 80 anos. Um tiro de escopeta, disparado à queima-roupa por um jagunço, a mando do latifúndio, no quintal de sua casinha azul e rosa, em uma rua pacata de Xapuri, no dia 22 de dezembro de 1988, tinha por pretensão interromper a jornada de resistência de Francisco Alves Mendes Filho.

Não foi o que ocorreu. Passados esses 36 anos, os grãos de chumbo que estilhaçaram o peito de Chico Mendes ainda hoje ecoam aos ouvidos do mundo. Inabalável, seu legado permanece vivo na luta dos povos da floresta que, mesmo enfrentando iguais riscos e desafios, frutifica e prospera.

Esta é a história da matéria de capa desta nossa Xapuri 122, na certeza de que Chico Mendes Vive em nós, seus companheiros e companheiras de luta, por uma Amazônia de Pé, pois temos por compromisso histórico preservar sua memória e defender seu legado, sempre.

Tomando emprestados os belos poemas e textos de Thiago de Mello, Pedro Tierra, Zuenir Ventura e Gomercindo Rodrigues, nosso conselheiro, reafirmamos, nestes 80 anos do Chico, a certeza de que ele “perdura e está conosco, dando fundamento ao porvir”.

Bom proveito! Boa leitura!



Zezé Weiss – Jornalista
Editora da *Revista Xapuri*

Jaime Sautchuk – Editor (*in memoriam*)

COLABORADORES/AS - DEZEMBRO

Alberto Cantalice – Jornalista. **Alfredo A. Saad** – Escritor (*in memoriam*). **Altair Sales Barbosa** – Arqueólogo. **Antenor Pinheiro** – Geógrafo. **Arthur Wentz e Silva** – Estudante. **Bia de Lima** – Parlamentar. **Eduardo Galeano** – Escritor (*in memoriam*). **Eduardo Pereira** – Sociólogo. **Emir Bocchino** – Designer. **Emir Sader** – Sociólogo. **Florentina Pereira dos Santos (Dona Flor)** – Mestre Quilombola (*in memoriam*). **Iêda Leal** – Gestora Pública. **Igor Strochit** – Designer. **Janaina Faustino** – Gestora Ambiental. **José Bessa Freire** – Escritor. **Leonardo Boff** – Ecoteólogo. **Lúcia Resende** – Professora. **Marcos Jorge Dias** – Escritor. **Maria Letícia Marques** – Ambientalista. **Mário de Andrade** – Escritor (*in memoriam*). **Paulo Okamoto** – Dirigente Sindical. **Pedro César Batista** – Jornalista. **Tânia Maria Corrêa Camárcio** – Escritora. **Trajano Jardim** – Jornalista. **Zezé Weiss** – Jornalista.



CONSELHO EDITORIAL

Adair Rocha - Professor Universitário. **Adrielle Saldanha** - Geógrafa. **Ailton Krenak** - Escritor. **Altair Sales Barbosa** - Arqueólogo. **Ana Paula Sabino** - Jornalista. **Andrea Matos** - Sindicalista. **Angela Mendes** - Ambientalista. **Antenor Pinheiro** - Jornalista. **Binho Marques** - Professor. **Cleiton Silva** - Sindicalista. **Dulce Maria Pereira** - Professora. **Edel Moraes** - Ambientalista. **Eduardo Meirelles** - Jornalista. **Elson Martins** - Jornalista. **Emir Bocchino** - Arte finalista e Diagramador. **Emir Sader** - Sociólogo. **Gomercindo Rodrigues** - Advogado. **Graça Fleury** - Socióloga. **Hamilton Pereira da Silva (Pedro Tierra)** - Poeta. **Iêda Leal** - Educadora. **Jacy Afonso** - Sindicalista. **Jair Pedro Ferreira** - Sindicalista. **José Ribamar Bessa Freire** - Escritor. **Júlia Feitoza Dias** - Historiadora. **Kretã Kaingang** - Líder Indígena. **Laurenice Noleto Alves (Nonô)** - Jornalista. **Lucélia Santos** - Atriz. **Lúcia Resende** - Revisora. **Marcos Jorge Dias** - Escritor. **Maria Félix Fontele** - Jornalista. **Maria Maia** - Cineasta. **Rosilene Corrêa Lima** - Jornalista. **Trajano Jardim** - Jornalista. **Zezé Weiss** - Jornalista.



IN MEMORIAM:

Jaime Sautchuk - Jornalista. **Iêda Vilas-Bôas** - Escritora.
Samuel Pinheiro Guimarães Neto - Diplomata.



CONSELHO GESTOR

Agamenon Torres Viana - Sindicalista. **Eduardo Pereira** - Produtor Cultural. **Iolanda Rocha** - Professora. **Janaina Faustino** - Gestora Ambiental. **Joseph Weiss** - Eng. Agro. PhD.



Xapuri 122 DEZ 24

SOCIOAMBIENTAL

08 CAPA
Chico Mendes:
O grito verde que anda

20 CONSCIÊNCIA NEGRA
O anonimato revolucionário
da rebelde negra Luiza Mahin

15 AMAZÔNIA
"Patrão não gosta de
seringueiro que tira saldo"

21 FOTOGEOGRAFIA
Mar de Classes

18 CONJUNTURA
Mau agouro não bate
com o mundo real

22 DIREITOS HUMANOS
O muro

Xapuri – Palavra herdada do extinto povo indígena Chapurys, que habitou as terras banhadas pelo Rio Acre, na região onde hoje se encontra o município acreano de Xapuri. Significa: "Rio antes", ou o que vem antes, o princípio das coisas.

Boas-Vindas!

24 RESISTÊNCIA DEMOCRÁTICA
Sonhos amordaçados: uma história real

28 CERRADO
Alguns elementos da ecologia cerratense

29 MITOS E LENDAS
A lenda do céu

31 FORMOSA
Rua dos Crioulos, a primeira
rua de Formosa

32 RESISTÊNCIA INDÍGENA
Txima: ensinando a conversar
com a floresta

38 SAÚDE
O partear de Dona Flor:
saúde integral

40 SUSTENTABILIDADE
"A beleza salvará o mundo":
Dostoiévski nos ensina como

44 POLÍTICA
A esquerda perdeu espaço nas
eleições municipais? Na verdade,
o espaço sempre foi restrito

49 SAGRADO INDÍGENA
Tonantzin se chama Guadalupe

***Sabia que chegaria, a morte sem avisar,
Porém, a morte se enfrenta, quando há um pouco por trás.***

Canção Nicaraguense



CHICO MENDES: O GRITO VERDE QUE ANDA

Zezé Weiss

Pertencesse ainda ao espaço físico desta Terra, em 15 de dezembro Chico Mendes completaria 80 anos. Um tiro de escopeta, disparado à queima-roupa por um jagunço, a mando do latifúndio, no quintal de sua casinha azul e rosa, em uma rua pacata de Xapuri, no dia 22 de dezembro de 1988, tinha por pretensão interromper a jornada de resistência de Francisco Alves Mendes Filho.

Não foi o que ocorreu. Passados esses 36 anos, os grãos de chumbo que estilhaçaram o peito de Chico Mendes ainda hoje ecoam aos ouvidos do mundo. Inabalável, seu legado permanece vivo na luta dos povos da floresta que, mesmo enfrentando iguais riscos e desafios, frutifica e prospera.

Poetas e escribas dão conta da infinitude de Chico Mendes, que prescinde do corpo para prosseguir plantando e repartindo sementes, que perdura e segue conosco, dando fundamento ao porvir, conforme retratado nos belíssimos versos de Thiago de Mello, em:

O SONHO QUE CRESCE NO CHÃO DA FLORESTA

*Não frequentas mais,
de corpo comovido,
os espaços do mundo.*

*A medida do tempo não te alcança.
Já ganhaste a dimensão do sonho,
és luzeiro da esperança.*

*[Tantos] anos são só um sinal
que a memória nos serve
para dizer que te amamos,
Irmão dos mananciais.*

*Chegado foste ao mundo,
de coração já acreano
– a frente estrelada,
o peito caudaloso –,
para que te cumprisses
na construção do triunfo
do que no homem é grandeza,
é orvalho e lúcida bondade.*

*Atendias e atendes
altivos chamados:*

*a floresta e os seus povos
e, deixa que eu te diga,
o povo geral do mundo,
precisava e precisam
constantes da esperança
com que semeavas e sementes
o poder da descoberta
de que o amor é possível.
Os inimigos da vida,
com medo da aurora,
ceifaram ferozes
o teu caminho escrito
por indelévels letras.
Só porque tiveste
o dom de sonhar,
como convém e é bom,
com os pés fincados
na verde verdade do chão
de cada dia.*

*Doidos por te dar sumiço
cuidavam que podiam
amordazar a fé
no reinado da justiça
e converter em moeda
o esplendor da primavera.*

*Nem pressentir podiam
que és da estirpe de seres
destinados a durar.
No caminho dos homens,
agora inabalável,
prescindes do corpo
para prosseguir plantando
e repartindo sementes.
Perduras e és conosco.
Nos levas, te levamos.
Eis que a vida do homem
é o que ele faz e fala,
escreve e canta: Vives:
dás fundamento ao por vir.*

*A tua própria morte
nos alcança a fundura
mais azul do peito*

com um brado companheiro,
que nos chama, nos clama,
é chama que nos chama
para amassar o barro,
preparar a pizarra,
aparelhar os esteios
de massaranduba,
itaúba, pau d'arco
e, pacientes, construir
as esplêndidas cidades.

Com a mão da sagrada ira
escreves os algarismos sinistros
dos hectares de esmeraldas
devorados pela hedionda lâmina
de gás, fogo e ingratidão.
E logo nos atravessa
a espessura das cinzas
desviando os apelos
das veredas injustas.

Por isso te canto, irmão.
Tu nos fazes capazes
(o ferrão da fera dói)
de cuidar do chão e do céu
deste reino da claridão,
nosso berço e morada,
que nela e dela vivemos.

Auancamos pelas sendas
que ajudastes a abrir,
e para que não nos percamos,
cuidadoso dos atalhos,
deixaste os candeeiros
da perseverança acesos
nos troncos das seringueiras,
nas sacopemas das sumaumeiras,
nas palmas das inajazeiras,
nas folhas das imbaúbas
que guardam o segredo do sol
e até nas favas morenas
da acapurana menina,
tua companheira de empate.

É preciso dizer que às vezes
nos morde a sombra do desânimo
e nos estremece a fúria
dos terçados da opulência
que não dorme e é cheia de olhos.
É quando os pássaros da floresta
nos acodem confiantes
(as corujas prolongam
as suas despedidas das estrelas)
cantando as sílabas alegres
do teu nome de menino.

Vêm no meu canto o rumor
dos remos dos pescadores
a alegria da palmeira
abraçada pelo vento;
o papagaio banda-de-asa
dos meninos da várzea,
barrigudinhos, magrelos,
mas que já estão na escola
(às vezes dormem com fome,
viva o chibé de erva-cidreira).

Trago o grito ensandecido
dos pássaros de asas queimadas
pelas brasas dos desumanos;
o suor contente
das quebradeiras de coco,
das fazedoras de farinha d'água
das amassadoras de açai.

E termino este aceno de mão agradecida
com o abraço das crianças amazônicas
que ainda vão nascer, abençoadas
pelo majestoso arco-íris de amor,
que se segue, úmido de seiva,
das terras firmes do alto-Xapuri
com as cores de todas
as raças humanas.

ERRO DE AVALIAÇÃO

Gomercindo Rodrigues, assessor, amigo e companheiro de lutas, afirma que a morte de Chico Mendes foi um erro de avaliação dos fazendeiros que mandavam matar para, à custa de vidas humanas, abrir espaço para a destruição das florestas do Acre.

“Os caras acharam que ia acontecer em Xapuri o mesmo que aconteceu em Brasília, quando mataram o Wilson Pinheiro e o movimento arrefeceu, tendo que mover seu eixo de resistência para Xapuri. Só que o próprio Chico já tinha dito várias vezes: ‘Se eu morrer, nós temos que mostrar que vai ter mais 300 Chico Mendes’.

Todos nós assumimos o compromisso de continuar o trabalho dele. Decidimos que não ia ter mais uma liderança para ser forte e dividimos o trabalho por todo mundo. Foi isso o que os companheiros fizeram. Ficou todo mundo sobrecarregado, foi difícil no começo, mas o Movimento continuou em pé.

Quanto ao Chico, o único erro de avaliação dele foi quando, em sua última entrevista, disse que se a morte pudesse ajudar a salvar a Amazônia, ele morreria de bom grado, mas que enterro não ia salvar a floresta. Chico está vivo porque nós continuamos trabalhando com o mesmo ideal dele: erramos no meio do caminho, tropeçamos muitas vezes, mas seguimos trabalhando.



A gente trocaria tudo o que conquistamos para ter o Chico aqui hoje, porque com ele entre nós nossa organização estaria mais forte, mais coordenada, e com muito mais aliados. Porque nenhum/a de nós, nem individualmente, nem juntando todo mundo, nós não conseguimos fazer o que o Chico fazia.

Mas nós nos transformamos em 300 Chico Mendes e conseguimos fazer com que o Movimento não caísse. Chico Mendes Vive!”

UM SÍMBOLO DE TODO O PLANETA

“O país que produziu alguns dos mais famosos mitos olímpicos e

dionisíacos deste século – Pelé, Tom Jobim, Ayrton Senna, Ronaldinho – criou também um herói trágico e transformou-o no protomártir da causa ecológica, um homem que precisou morrer para ser conhecido em sua pátria, ele que já era, como escreveu *The New York Times*, ‘um símbolo de todo o planeta’”.

De fato, o seringueiro Chico Mendes foi quem mobilizou não só o Brasil, mas também o mundo para a defesa da floresta amazônica, à qual acabaria dando sua vida. Certo de que estava marcado para morrer, ele não só denunciou a trama, como achava que morreria em vão.

Se descesse um enviado dos céus e me garantisse que minha morte

iria fortalecer nossa luta, até que valeria a pena. Mas ato público e enterro numeroso não salvarão a Amazônia. Quero viver.

Ele disse isso e, pouco depois, às 18h45 do dia 22 de dezembro de 1988, foi assassinado aos 44 anos, na porta da cozinha de sua casa em Xapuri, uma pequena cidade de cinco mil habitantes no estado amazônico do Acre. ‘Ele vinha com as mãos na cabeça, todo vermelho de sangue’, contou Ilzamar, que ouviu um estouro e correu para o marido. ‘Quando eu quis pegar no seu braço, ele caiu e ficou se debatendo. Aí vi que estava morrendo’.

Além de 18 perfurações no braço, ele fora atingido no peito direito

por 42 grãos de chumbo de uma espingarda de caça. O autor confesso do disparo, Darci, era filho de Darly Alves da Silva, o fazendeiro mandante do crime.

Só então, e diante da grande repercussão internacional, é que o Brasil começou a desconfiar, cheio de culpa, que tinha perdido o que se custa tanto a construir: um verdadeiro líder.

Como um Gandhi dos trópicos, Chico organizou pacificamente os seringueiros para lutar pela preservação da floresta, que vinha sendo derrubada no Acre desde a década de 1970 para dar lugar às grandes pastagens de gado. O

movimento de resistência usava uma tática simples e eficaz: o empate, que consistia em impedir os desmatamentos, colocando os seringueiros, seus filhos e mulheres, todos desarmados, entre os peões armados de serras e as árvores.

Hábil político e homem de diálogo, Chico conseguiu também desfazer uma inimizade histórica entre seringueiros e índios, que sob sua influência se aliaram numa grande frente conhecida pelo nome de Povos da Floresta. Condecorado pela ONU e respeitado pelas organizações internacionais de proteção ao meio ambiente, Chico demonstrou que era possível promover um desen-

volvimento racional para a floresta amazônica, sem transformá-la em santuário intocável, mas também sem devastá-la.

Criou para isso o projeto de reservas extrativistas, espaços para garantir os direitos mínimos que os seringueiros nunca haviam tido: escola, postos de saúde, melhores condições de comercialização de seus produtos, maior produtividade de extração, segurança contra as ameaças de expulsão dos latifundiários.

Chico sabia que precisava de aliados, não podia ficar isolado em Xapuri lutando contra poderosos interesses de fazendeiros e



Foto: Miranda Smith.



pecuaristas. Alguns antropólogos e representantes de entidades ambientalistas dos Estados Unidos e da Europa se encarregaram de projetá-lo no circuito internacional.

Em 1987, ele foi o primeiro brasileiro a receber o prêmio Global 500 das Nações Unidas, em Londres. No ano seguinte foi convidado a participar da reunião do Banco Interamericano de Desenvolvimento.

Com a mesma desenvoltura com que andava nas ruas toscas de Xapuri ou pelas espessas matas da floresta amazônica, Chico passou a se movimentar por cidades como Nova York, onde chegou a se hospedar no mesmo hotel em que estava o então presidente Ronald Reagan. Os convites de viagens se sucediam, e sua causa ficou conhecida no mundo.

Na reunião do BID, ele convenceu os conselheiros do banco a suspenderem os financiamentos para a construção de uma grande rodovia no Acre, argumentando que sem as devidas precauções ambientais a iniciativa seria um atentado à floresta, aos seringueiros e aos índios.

Se por um lado o prestígio externo reforçou a sua luta interna, por outro, pode ter contribuído para sua desgraça.

Aplaudidas pelo BIRD, pelo BID e pelo Congresso americano, suas ideias enfrentavam a oposição violenta dos latifundiários, dos madeireiros e dos grandes projetos agropecuários que vivem do desmatamento desordenado da Amazônia.

A fama que ele alcançara junto a instituições e entidades estrangeiras, o seu carisma, tudo isso aliado aos incômodos empates que organizava em Xapuri, devem ter dado a seus inimigos a certeza de que a única maneira de barrar sua ação catalisadora era a morte.

Por isso ele sabia que seria assassinado e denunciou incansavelmente a ameaça 'Não quero flores no meu enterro, pois sei que vão arrancá-las da floresta', escreveu no dia 5 de dezembro numa mensagem-despedida. 'Quero apenas



Foto: Marcos Jorge Dias

que meu assassinato sirva para acabar com a impunidade dos jagunços, sob a proteção da Polícia Federal do Acre e que, de 1975 para cá, já mataram mais de 50 pessoas.'

Poucas vezes a polícia brasileira contou com uma lista tão completa de acusados, fornecida pela própria vítima. Nem isso, porém, serviu para impedir a morte anunciada. Chico Mendes acertou quando afirmou que ia ser morto, mas errou ao achar que sua morte poderia ser inútil.

Se ela não salvou a Amazônia, serviu pelo menos para intensificar o debate planetário sobre o destino da região. E mais esse assassinato, antecedido por dezenas de execuções de outros líderes rurais, terá servido para denunciar que em um rico e extenso país ainda se mata por questões de terra.

Aquele estouro que Ilzamar ouviu chegou ao mundo todo. Nunca um tiro dado no Brasil ecoou tão longe."

O texto acima, do escritor Zuenir Ventura, não só relata a trágica morte de Chico Mendes, mas, também, registra a transcendência do grande líder, que perdura entre nós, um grito verde que não cessa, como no poema de Pedro Tierra:

O GRITO VERDE QUE ANDA

*Francisco. Chico. Chico Mendes.
Seringa. Seringueiro. Seringal.
Legião de homens e sonhos.*

Verde rompendo o verde.

*Punhal aceso na memória
da água, da pedra, da madeira.*

Dos homens?

*A sumaúma, a seringueira,
a pedra do monte Roraima,
o sangue que mina do tronco*

*nos seringais de Xapuri indagam:
onde anda a sombra exilada de Chico Mendes?*

*Organizador dos ventos gerais
que combatem depois das cercas,
de todas as cercas da terra...*

Chico: um grito verde que não cessa.



Zezé Weiss -

Jornalista. Editora
da Revista Xapuri.



Foto: Miranda Smith.

“PATRÃO NÃO GOSTA DE SERINGUEIRO QUE TIRA SALDO”

Marcos Jorge Dias

Ouvi essa frase de um seringueiro, enquanto caminhava por uma antiga estrada de seringa, no seringal Dois irmãos, na Reserva Extrativista Chico Mendes, em Xapuri.

De imediato não dei muita importância àquelas palavras porque estava mais preocupado com a fumaça das queimadas, que tomavam conta da mata. Porém, passados alguns dias, aquelas palavras voltaram à minha cabeça e ficaram rodando, que nem redemoinho que antecede temporal.

Neto de seringueiro, passei parte da infância ouvindo histórias contadas por meu avô Moisés, cearense de Sobral, que se aventurou a abrir seringais na região do alto rio Jordão, na fronteira do Brasil com o Peru.

Escondido embaixo da mesa, ou quando me deixavam ouvir as conversas dos adultos, acorocado no assoalho, no pé da parede, escutei histórias de batelões vindo de Belém e Manaus, que chegavam abarrotados de mercadorias para abastecer o barracão do seringal Sorocaba e os seringueiros que viviam nas colocações, no centro da mata.

Outras vezes, histórias horripilantes, como a do caçador que atirou em um macaco capelão. Quando o macaco caiu no chão, ainda vivo, o caçador acendeu uma vela na mão do macaco e nesse momento... o bicho falou. Nunca se soube o que o macaco disse.

Mas o caçador correu dois dias até chegar na barraca onde morava. Os cabelos, que eram pretos, ficaram totalmente brancos de um dia pro outro. O caçador nunca mais saiu para caçar e nunca mais falou.

Martelando no meu pensamento, sobre o patrão não gostar que seringueiro tivesse saldo, lembrei de um caso que ouvi contar sobre um de nome Nonato. Natural das bandas de Camocim, divisa do Ceará com o Piauí.

Chegou brabo na região, mas era determinado e logo aprendeu a

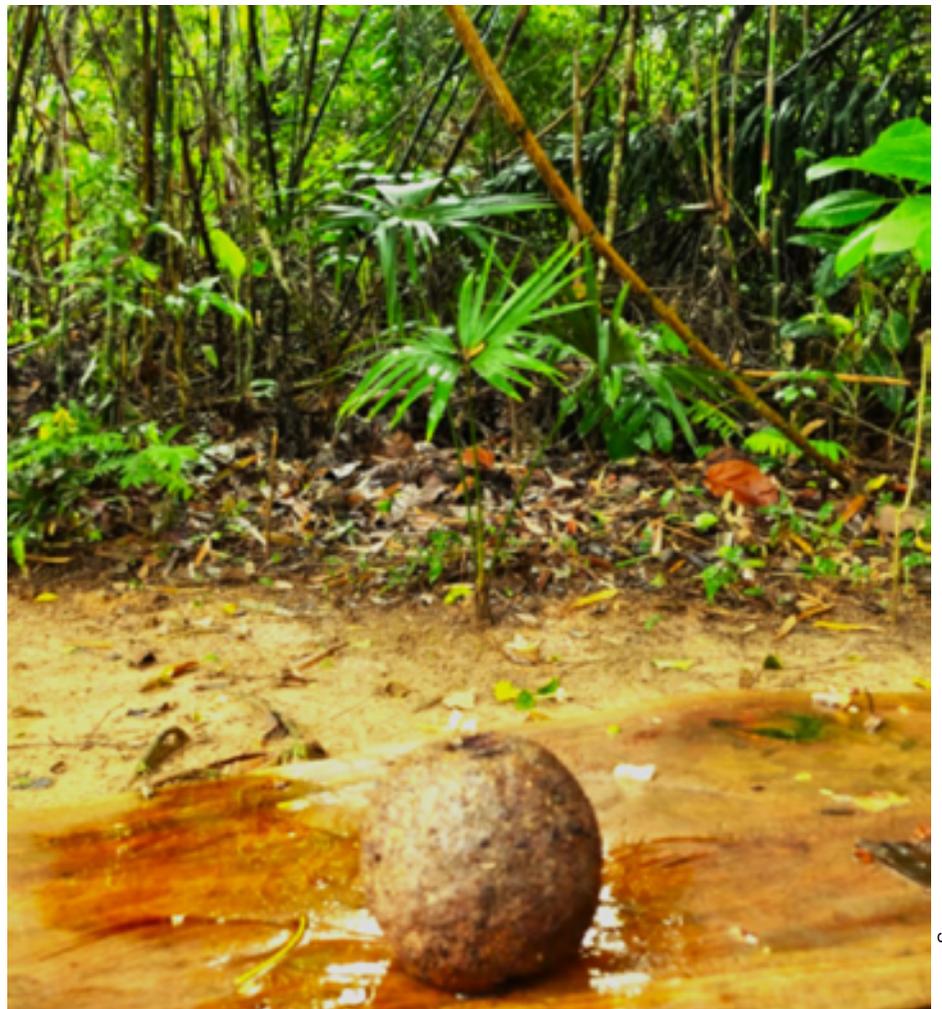


Foto: Marcos Jorge Dias

cortar. Depois que pagou a viagem (seringueiro já chegava endividado no seringal), passou a comprar no barracão só o necessário para sobreviver: fósforo, pólvora e sal. A floresta era a provedora da comida. O peixe salgado, a carne de queixada, banana e outras frutas o mantinham vivo e forte. E assim, evitava comprar no barracão.

Depois de alguns anos, já tinha saldo suficiente para voltar pro Ceará, casar-se com Dorinha (que prometeu lhe esperar), comprar uma terra pros lados da Boqueirão e ter suas criações. Sonhos que compartilhava com alguns poucos companheiros, nas raras vezes que ia na margem entregar a borracha e buscar suprimentos.

Já tinha acertado com o patrão que na próxima entrega não voltaria mais para a colocação. Ia baixar no rumo do Ceará. Fazia planos e se imaginava chegando na sua cidade, revendo os parentes e amigos que não via há muito tempo. Estava na última volta da estrada quando escutou um barulho no mato e o estampido do tiro que lhe tirou a vida, foi a última coisa que ouviu.

Lembrando desse caso, contado pelo meu avô, entendi o que o morador da colocação República quis dizer com “Patrão não gosta de seringueiro que tira saldo”.



Marcos Jorge Dias –

Jornalista e escritor, desde as matas de Xapuri.



Foto: divulgação



JOÃO CARLOS BATISTA: DEPUTADO ASSASSINADO HÁ 36 ANOS SEGUE SEM TER SUA HISTÓRIA LEMBRADA

Pedro Cesar Batista

No dia 6 de dezembro, completaram-se 36 anos do assassinato de meu irmão, o advogado e deputado estadual João Carlos Batista, ocorrido em Belém, capital paraense, em 1988, logo após ele fazer uma denúncia de ameaças que havia sofrido dias antes, durante a discussão da Assembleia Constituinte Estadual do Pará.

Nossa família chegou ao Pará em 1965, influenciada pela campanha da ditadura "uma terra sem homens para homens sem-terra". Meu pai era agricultor sem-terra, fomos para Paragominas, no meio da floresta, onde vivemos até 1975, quando mudamos para Belém. Meu irmão, Batista, retomou os estudos aos 21 anos, fez supletivo, cursinho, vestibular e se formou em Direito.

Na faculdade, foi o responsável pela organização do Diretório Acadêmico; em 1978, liderou a primeira greve de estudantes contra o preço abusivo de mensalidades; integrou a Comissão Nacional de Reconstrução da União Nacional de Estudantes responsável pelo congresso da entidade, em maio de 1979, em Salvador.

COMBATENTE DO POVO

Ao se formar, em 1981, passou a advogar para inúmeros sindicatos de trabalhadores urbanos e rurais. Antes integrou a direção da juventude do MDB e depois do PMDB. Um jovem que saiu do campo e se tornou uma liderança

na luta contra a ditadura e pelos direitos dos trabalhadores. Sua militância como advogado angariou o ódio de patrões e latifundiários, sempre perseguido pelo DOPS e alcaguetes da ditadura.

Candidato a deputado estadual em 1982, ficou na suplência. Em 1985, sofreu o primeiro atentado à bala. Nosso pai, Nestor, que o acompanhava, recebeu uma carga de cartucheira calibre 20 no rosto, não faleceu.

Em 1986, novamente tentaram assassiná-lo. O motorista que dirigia um caminhão transportando gado de um fazendeiro, que foi denunciado como um dos mandantes do primeiro atentado, colidiu frontalmente com o fusca em que



Batista estava; ele ficou três dias em uma UTI, e sobreviveu.

Neste mesmo ano, é eleito deputado estadual. Ao assumir o mandato quebrou o protocolo no Tribunal de Justiça durante a diplomação, acompanhado de centenas de camponeses fez um discurso onde reafirmou suas origens e as bandeiras em defesa da reforma agrária, denunciou o latifúndio e o sistema que causava fome e violência contra os trabalhadores.

O MANDATO

Durante o mandato, que durou 17 meses, seguiu sua trajetória, cada vez mais ascendente, diante das grandes mobilizações de trabalhadores que organizava, fosse dentro do parlamento, na capital ou nas cidades do interior, apoiando e organizando camponeses e colonos em defesa da reforma agrária, da moradia e de direitos. Ele possuía uma capacidade de mobilizar grandes massas de pobres e trabalhadores do campo e da cidade, o que assustava os donos do poder.

Anos antes, em 1985, Ronaldo Caiado com outros latifundiários fundaram a UDR – União Democrática Ruralista, elaboraram uma lista de lideranças ligadas à luta pela terra que deviam ser eliminadas. João Batista estava na lista de marcados para morrer. Uma lista que era cumprida de forma pública. Quando uma liderança camponesa era assassinada chegavam a fazer festa em fazendas, regada a muito churrasco e bebidas.

Em 1 de maio de 1987, Dia do Trabalhador, na cidade de Paragominas, foi marcado por vários sindicatos de trabalhadores um ato em defesa da reforma agrária e contra a violência dos latifundiários, liderados pela UDR. O ato reuniu milhares de camponeses, que saíram em passeata pela cidade; um grupo de pistoleiros entrou no meio do povo e tentou, pela terceira vez, assassinar o advogado, então deputado.

Houve tiroteio, um pistoleiro foi justificado pelo povo no meio da rua. Ficaram baleados dos dois lados. A polícia e os principais jornais da

capital acusaram Batista, assim como fizeram nos atentados anteriores. Isso não o desanimava, ele seguia animando e inspirando o povo a se unir, organizar e lutar por direitos e pela terra.

No parlamento, não havia um dia em ele que não usasse a Tribuna para defender seus ideais de justiça social, denunciar a exploração que os trabalhadores urbanos sofriam e a violência que os latifundiários, com o apoio da polícia e os olhos vendados da Justiça, seguiam praticando contra trabalhadores rurais.

O ASSASSINATO

Em 6 de dezembro, logo após fazer um pronunciamento, no momento em que se discutia o Regimento Interno da Assembleia Constituinte Estadual, instalada dias antes, Batista denunciou mais uma ameaça de morte feita por um major e um tenente da PM, que chegaram a preparar o gatilho para matá-lo. Exatamente 30 dias antes, havia enviado um telex ao então ministro da Justiça, Paulo Brossard, pedindo segurança (que nunca recebeu) do Estado.

Saiu da Assembleia Legislativa, após as 19 horas, buscou a família e seguiu para sua casa. Antes de entrar no prédio, enquanto aguardava o portão abrir, um pistoleiro tocado atrás de uma mangueira acertou um tiro fatal em sua cabeça.

Após o seu assassinato, foram dias de intensa mobilização, de dor e revolta. Colonos ocuparam uma fazenda de um dos maiores latifundiários da região, Joaquim Fonseca, como resposta ao crime. Duas semanas depois assassinam Chico Mendes. Desde então, a história de Batista foi apagada.

Foram presos dois pistoleiros, um após um mês do crime e o outro, o que deu o tiro em Batista, dois anos após o assassinato. O primeiro, depois de uma semana na Penitenciária de Americano, foi degolado. O que atirou foi julgado somente em 2002, condenado a 22 anos de prisão, porém logo ganhou liberdade. Durante

o processo, que julgou o assassinato, passaram 8 (oito) juizes.

OS MANDANTES

Os mandantes, líderes da UDR, nunca foram denunciados, apesar de serem conhecidos. O pistoleiro que ganhou liberdade voltou a atuar como matador, desta feita a serviço de latifundiários no Maranhão e no Piauí, sendo eliminado com 14 tiros, no dia 11 de dezembro de 2010.

Um jovem camponês, filho de família pobre, que teve uma dedicação por toda sua vida ao trabalho, “um dos melhores filhos do povo”, segundo João Pedro Stédile afirma, no prefácio do livro João Batista, mártir da reforma agrária. Batista, que por 10 anos conseguiu organizar, mobilizar e contribuir para conquistas dos estudantes, dos trabalhadores urbanos, e fazer na marra a reforma agrária, conquistando a terra para dezenas de milhares de famílias, as quais seguem em seus lotes rurais ou urbanos, terminou assassinado duas vezes.

A primeira quando conseguiram, enfim, acertar um balaço mortal em sua cabeça; a segunda morte se deu quando a própria esquerda escondeu a história deste revolucionário, um exemplo para a juventude, para os trabalhadores, que cada vez mais perdem a indignação, a disposição de se unir e se organizar para defender uma sociedade justa e digna para todos, especialmente os mais pobres.



Pedro César Batista -

Jornalista, escritor e irmão de João Batista. Autor de João Batista, mártir da reforma agrária (2009), Marcha interrompida (2006) e Noite longa (2024), entre outros títulos.



MAU AGOURO NÃO BATE COM O MUNDO REAL

Paulo Okamoto

Os editoriais dos três jornalões de São Paulo e Rio, mais o diário econômico Valor, foram unânimes em desacreditar o pacote de medidas fiscais anunciadas pelos ministros da Fazenda, Fernando Haddad, e da Casa Civil, Rui Costa, e pelas ministras do Planejamento, Simone Tebet, e da Gestão, Esther Dweck, na quinta-feira, 28/11.

O Estadão chamou o pacote de 13 medidas de "Pastel de Vento"; a Folha de S. Paulo fala em "corte pífilo" e o Globo define que o "Plano de controle de gastos é tímido e insuficiente". Já o Valor diz que as "Medidas não dão solidez estrutural ao regime fiscal".

Nada de novo. A mídia sendo a velha mídia de outros carnavais,

porta-voz dos agentes mais especulativos do mercado, que se aproveitaram do azedume geral do noticiário, na maior parte do tempo pautado por eles mesmos, para ganhar dinheiro da pior forma que lhe é peculiar: jogando as cotações de dólar e juros para as alturas.

Isso, sim, sem nenhuma relação com a "solidez estrutural" das



Foto: divulgação

reservas externas brasileiras, nem com os parâmetros de inflação e endividamento do País, sob controle.

De forma límpida e direta, digamos: os ditos formadores de opinião queriam, até exigiam, que o governo do presidente Lula adotasse um programa para o qual não foi eleito. Um programa que colocasse como prioridade um ajuste de contas públicas desconectado da busca do bem-estar do povo brasileiro. Porque se há um guia mestre do governo Lula é colocar dinheiro no bolso do trabalhador e comida na mesa do povo.

Onde veem inconsistência, vejo coerência. Defendiam, como medida extrema, que o governo aceitasse desvincular o reajuste do salário-mínimo da fórmula vigente (INPC do ano anterior + variação do PIB de dois anos atrás), passando a corrigi-lo apenas e tão somente pela inflação passada.

De igual modo, queriam que o governo passasse por cima de dispositivos constitucionais que voltaram a valer desde o fim do teto de gastos e promovesse a desvinculação das verbas da educação e da saúde da receita.

Queriam que houvesse correção das verbas da educação e da saúde apenas pela inflação passada. No máximo, concederiam que o governo as enquadrasse no intervalo de 0,6% a 2,5% do arcabouço fiscal.

Assim, sobreveio uma alta do dólar, pela primeira vez, acima de R\$ 6,00, estava então demonstrada a “bola fora” do governo. Só que fatores técnicos preponderantes (reservas sólidas e superávit comercial abundante) vão falar mais alto e o dólar tenderá a recuar para um patamar anterior ao do chique atual.

É preciso ver os fatos como eles são. No plano econômico propriamente dito, o receituário neoliberal extremado perseguido pelo mercado não faz a mínima questão de que os pontos A e B estejam ligados. O ponto A é o

equilíbrio fiscal prometido pelo arcabouço fiscal e o ponto B, a recuperação econômica notável que o País vem tendo.

Para o mercado, o ponto A é absoluto e o ponto B, condicional; só pode acontecer se o dito ajuste fiscal estrutural ocorrer. A velha história do ovo e da galinha. Se sobreviesse um quadro recessivo por causa do “ajuste estrutural”, isso seria apenas dano colateral.

Por ironia do destino, apenas um dia após as críticas ferozes ao pacote fiscal, a PNAD Contínua do 3º trimestre mostrou que, com uma taxa de 6,2%, o País registrou o mais baixo índice de desemprego desde janeiro de 2012, quando o IBGE começou o cômputo da série. Mais de 103 milhões de pessoas compuseram a força de trabalho; 53,4 milhões no setor privado, dos quais 39 milhões com carteira assinada.

O emprego cresceu 2,9% na indústria; 2,4% na construção e 3,4% em outros serviços. Juntas, essas atividades incorporaram 751 mil trabalhadores no trimestre. Também o rendimento real do trabalhador cresceu 3,9% e a massa de rendimentos, 2,4%. O País respira bem, acima da linha d’água, e fazer um ajuste fiscal cego, sem levar em conta que no mundo real as pessoas precisam de emprego, renda e serviços teria como consequência inundar os motores da recuperação, contrair o mercado interno e deprimir o investimento.

Em nenhum momento o governo negou que precisava controlar a expansão dos gastos. Especialmente porque, sem esse controle, o aumento de gastos come a parcela dos recursos livres de que dispõe para levar adiante programas essenciais como bolsas de estudo, farmácia popular e outros. Evitar a paralisia orçamentária é essencial.

O que não é possível é aceitar o argumento de que, sem o controle “estrutural” das contas públicas, o Brasil verá a dívida interna aumentar e, por consequência, terá a volta da explosão inflacionária. Ora, o arcabouço fiscal, até prova

em contrário, serve justamente para evitar que isso ocorra.

E, além do mais, desconectado de uma perspectiva real de crescimento econômico, o ajuste fiscal “estrutural” já mostrou toda a sua limitação quando foi adotado o teto de gastos em 2016. O Brasil registrou anos medíocres de crescimento nos governos Temer e Bolsonaro.

Os críticos também apontam que o nervosismo do mercado se deu por causa do “populismo” do governo ao anunciar, casado ao pacote fiscal, a prometida isenção do imposto de renda para quem ganha até 5 mil reais e a cobrança de uma contribuição mínima de 10% para quem ganha acima de 50 mil reais por mês.

Cortina de fumaça. Esta alteração depende de mudança legal e anualidade fiscal, só podendo tornar-se efetiva a partir de 2026. Nenhum prejuízo, portanto, para as contas públicas de 2025.

Para estas e para 2026, o “pastel de vento” do governo projeta uma economia de R\$ 70 bilhões, suficientes para entregar o compromisso de déficit zero no próximo ano e superávit de 0,25% em 2026. É claro que as coisas não são estáticas na economia, que as medidas precisam passar pela aprovação do Congresso Nacional, e que eventuais ajustes de rota possam ser feitos, inclusive com novos instrumentos que reforcem a disciplina do arcabouço fiscal.

No governo do presidente Lula, a regra é clara. Não existem nem medidas heroicas, nem balas de prata de triste memória. O que importa é cuidar bem do povo e produzir desenvolvimento social.

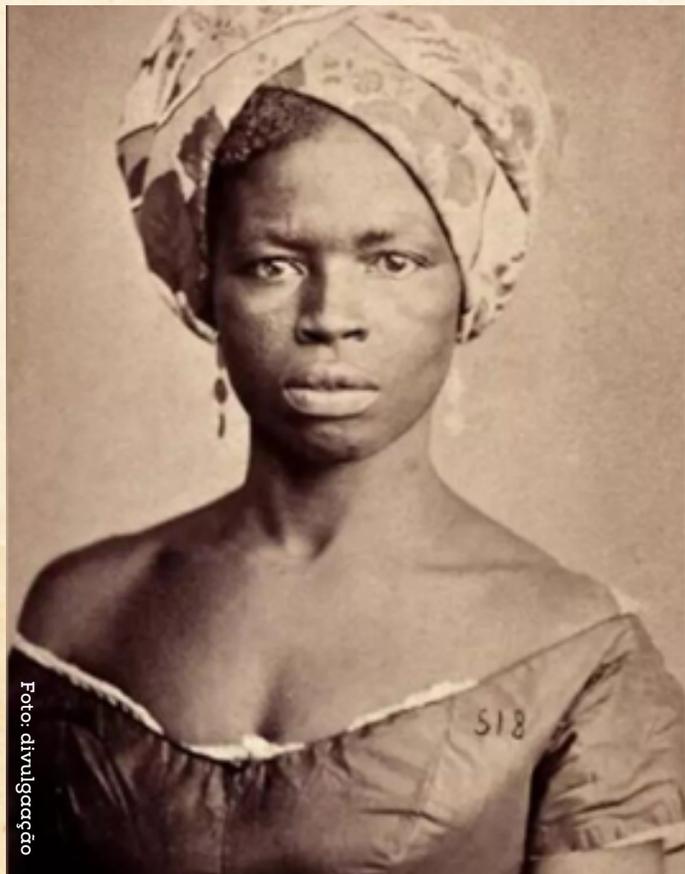


Paulo Okamoto – Presidente da Fundação Perseu Abramo. Matéria publicada originalmente na *Revista Focus Brasil*, edição 170, 03/12/2024.



O ANONIMATO REVOLUCIONÁRIO DA REBELDE NEGRA LUIZA MAHIN

Iêda Leal



Encontrei, por esses dias, um texto de Felipe Larsen, "O anonimato revolucionário de Luiza Mahin", publicado há décadas na coleção "Os Negros", da Revista Caros Amigos.

"Há figuras que lutam e morrem em nome de uma causa e ainda assim passam anônimas nos registros históricos," diz Larsen, resgatando um pouco da trajetória de Luiza Mahin, mãe do abolicionista Luiz Gama, militante da Revolta dos Malês, o último grande levante de escravizados/as da época colonial, grandemente ignorada pelos livros e até mesmo pela internet.

Ao contrário de seu filho advogado, sobre quem, com justiça, pode ser encontrada farta literatura, sobre a preta Luiza em geral são encontrados poucos registros, "que raramente passam de algumas linhas", escreve Larsen.

Ou, como diz Joel Rufino, "tem pouquíssima coisa sobre a mulher, até mesmo se verificarmos dados

sobre a Revolta dos Malês, rebelião de negros mulçumanos ocorrida em 1835, em Salvador, e que é a passagem mais conhecida da vida de Luiza Mahin".

Estudos da pesquisadora Sueli Carneiro, do Geledés, citados por Larsen, nos permitem traçar um perfil da rebelde revolucionária que foi Luiza Mahin, negra da etnia jeje, vinda da África para o Brasil como escrava. Pela leitura das biografias do filho Luiz, nascido de ventre livre e pai desconhecido em 1830, pode-se inferir que por essa data ela já não era escravizada.

"Sua casa tornou-se quartel-general das principais revoltas negras que ocorreram em Salvador em meados do século XIX. Participou da grande insurreição, a Revolta dos Malês, o último levante expressivo de escravos ocorrido na capital baiana", diz Sueli Carneiro.

Uma vez derrotada a revolta, Luiza fugiu para o Rio de Janeiro, onde, segundo se sabe, seguiu participando de outras insurreições negras, de onde, segundo Sueli, "possivelmente" foi deportada para a África, por conta de suas atividades revolucionárias.

O filho famoso, por sua vez, falava da mãe com reverência: "Sou filho natural de uma negra africana, livre, da nação nagô, de nome Luiza Mahin, pagã, que sempre recusou o batismo e a doutrina cristã. Minha mãe era baixa, magra, bonita, a cor de um preto retinto, sem lustro, os dentes alvíssimos, como a neve. Altiva, generosa, sofrida e vingativa. Era quitandeira e laboriosa".

Em 9 de março de 1985, um século depois de sua brava e rebelde militância, veio o primeiro resgate de seu apagamento histórico. Por iniciativa do Coletivo de Mulheres Negras de São Paulo, uma praça do bairro da Vila Brazilândia, na capital paulista, recebeu o nome de Luiza Mahin.

De lá pra cá as coisas não mudaram muito. Luiza Mahin continua sendo, para muitas de nós, mulheres negras, e para a maioria da sociedade brasileira, uma quase anônima revolucionária. É preciso mudar essa realidade. Viva Luiza Mahin, sempre!



Iêda Leal - Dirigente do Movimento Negro Unificado. Conselheira da Revista Xapuri.



MAR DE CLASSES

Antenor Pinheiro

A corja do mercado concentrador de renda que explora o turismo nacional tenta fazer de nosso mar o que fizeram na província de La Altagracia na República Dominicana, onde os endinheirados do mundo desfrutam da paradisíaca Punta Cana - lugar em que a exclusividade de acesso ao melhor do mar é garantido para os viventes dos resorts de luxo e suas praias particulares. A afluência ali é restrita, dispõe de ligação direta com o aeroporto internacional, e nenhum abastado "corre o risco" de conviver com a abundante pobreza ao redor, nem mesmo nos luxuosos ônibus do transfer que utilizam infraestrutura viária exclusiva, policiada e fiscalizada até os dentes. O máximo que se vê nos trajetos, através das janelas escuras espelhadas (e apenas nos precários cruzamentos), são pobres montados em frágeis motocicletas em busca de distantes opções de banho. É flagrante a percepção visual da deliberada desigualdade social em vigência, o que nos permite concluir que o lindo mar costeiro de águas cristalinas e areias brancas de Punta Cana é de classes, dividido entre os habitantes, majoritariamente pobres, e aqueles que usufruem dos espaços naturais privatizados ou fortemente comercializados para o turismo. No entanto, legalmente, na República Dominicana, as praias são públicas e qualquer pessoa tem o direito de acessá-las. O problema é que, na prática, o acesso ao melhor do mar de Punta Cana é desestimulante para quem não está hospedado em um resort. Construídos sob o conceito de barreiras artificiais de alvenaria, os resorts têm seções privadas de praia que são



cercadas ou separadas de áreas públicas, tornando o acesso controlado e visualmente proibitivo. É o que os parlamentares brasileiros "doidos por cassinos" pretendem para os nossos mais belos espaços de mar - que suas praias sejam

reservadas apenas para os ricos. Olho neles!



Antenor Pinheiro -
Geógrafo. Membro do
Conselho Editorial da
Revista Xapuri.



Foto: divulgação

O MURO

Emir Sader



Um negro, pobre, foi jogado por um policial pelo muro. Esse caso foi filmado e causou indignação. Não se sabe quantos são lançados, diariamente, pelos policiais através dos muros em São Paulo e em tantas outras cidades do país.

Qual o significado de jogar um pobre e preto pra fora? Que ele é um dos milhões de excedentes, que não cabem, que não fazem falta, de que a sociedade não precisa, pode perfeitamente funcionar sem eles, até funciona melhor sem eles. Por isso eles podem ser jogados, e só haverá reação se ele for filmado sendo jogado por cima do muro.

Qual o significado disso? Que há um mecanismo de funcionamento do capitalismo brasileiro, que não dá conta dos 216 milhões de habitantes do Brasil, que não tem lugar para todos eles.

O capitalismo brasileiro existe para produzir lucros nas mãos dos grandes capitalistas. Para isso, ele necessita de um certo número de pessoas, que constituem a força de trabalho que produz mercadorias.

Os outros podem ser jogados por cima dos muros. Se sobreviverem, sorte deles e de suas famílias. Senão, outros serão jogados lá de cima.

Neste caso, ao ser filmado e causar indignação, o policial e mais outros 13 foram afastados da corporação. Isto é, estavam lá, mas nada fizeram, foram coniventes, acostumados a esses atos.

O policial que jogou a pessoa por cima do muro, afinal, depois de ser afastado da corporação, foi depor no Rio de Janeiro e acabou sendo afastado da corporação. Ai se soube que ele tinha uma ficha corrida pesadíssima, incluindo a morte de 11 pessoas. Isto é, mesmo depois disto, ele seguiu como policial, supostamente cuidando da ordem pública e da nossa segurança individual.

Somente porque ele praticou esse ato, que seu dossiê saiu a público. Senão continuaria lá, exercendo suas funções.

Assim funciona o capitalismo. Seleciona algumas pessoas para trabalharem nas distintas polícias. Essa seleção se concentra no adestramento das pessoas para as funções que vão exercer. Não conta seus antecedentes, mas suas condições físicas para exercer a função de policial.

Há, na sociedade, os que ficam do lado de cá do muro e os que

são projetados para fora do muro. Há os que estão integrados nos mecanismos de funcionamento da produção da mais valia.

E há os que não são necessários, que podem ser projetados para além do muro, lá embaixo, no riacho. Que sobreviverão, conforme o jeito que for projetado, conforme for a queda. De uma ou de outra forma, serão projetados pelos policiais que estão, lá em cima do muro, garantindo a segurança pública na sociedade.

O muro separa uns dos outros. Os que têm funções na reprodução do capital, tanto os trabalhadores, os engenheiros, como os policiais, que respondem pela ordem de funcionamento geral da sociedade. E os que são jogados por cima do muro. Que não têm funções no funcionamento do capitalismo, que não precisam ficar lá em cima.

A função do muro é essa: marcar a divisão entre uns e outros. É a linha de classe na sociedade capitalista



Emir Sader -

Sociólogo. Conselheiro da *Revista Xapuri*. Texto publicado originalmente no Brasil 247.





SONHOS AMORDAÇADOS: UMA HISTÓRIA REAL

Tânia Maria Corrêa Camárcio

Era 24 de dezembro de 1971. Estava em minha casa, triste, absorta em meus pensamentos, quando meu cunhado, o radialista e publicitário Iberê Monteiro, dono da Rádio Riviera [de Goiânia] na época, hoje Rádio Terra, entrou e pediu pra eu ligar o rádio às 18 horas, que ele tinha uma surpresa para mim. Emocionada, ouvi, de autoria dele e na voz dele, uma comovente crônica, "Solidão na Chuva", que me fez chorar e, ao mesmo tempo, serviu de consolo e amparo a um momento triste e de fragilidade nas nossas vidas!

"Há um choro coletivo da natureza.

Faz quatro dias que a natureza chora chuva.

E no quarto dia é Natal.

Faz também quatro dias que eu falei em Carolina. Carolina, menina pobre, menina sem braço e sem boneca, irmã humana de Lara, minha filha. Carolina, irmãos, continua sem braço e sem boneca.

Mas Carolina ainda vive bem perto de você, bem perto de mim, bem perto de cada um, em cada esquina de rua ou avenida, daqui, dali, dacolá.

Há um choro coletivo da natureza.

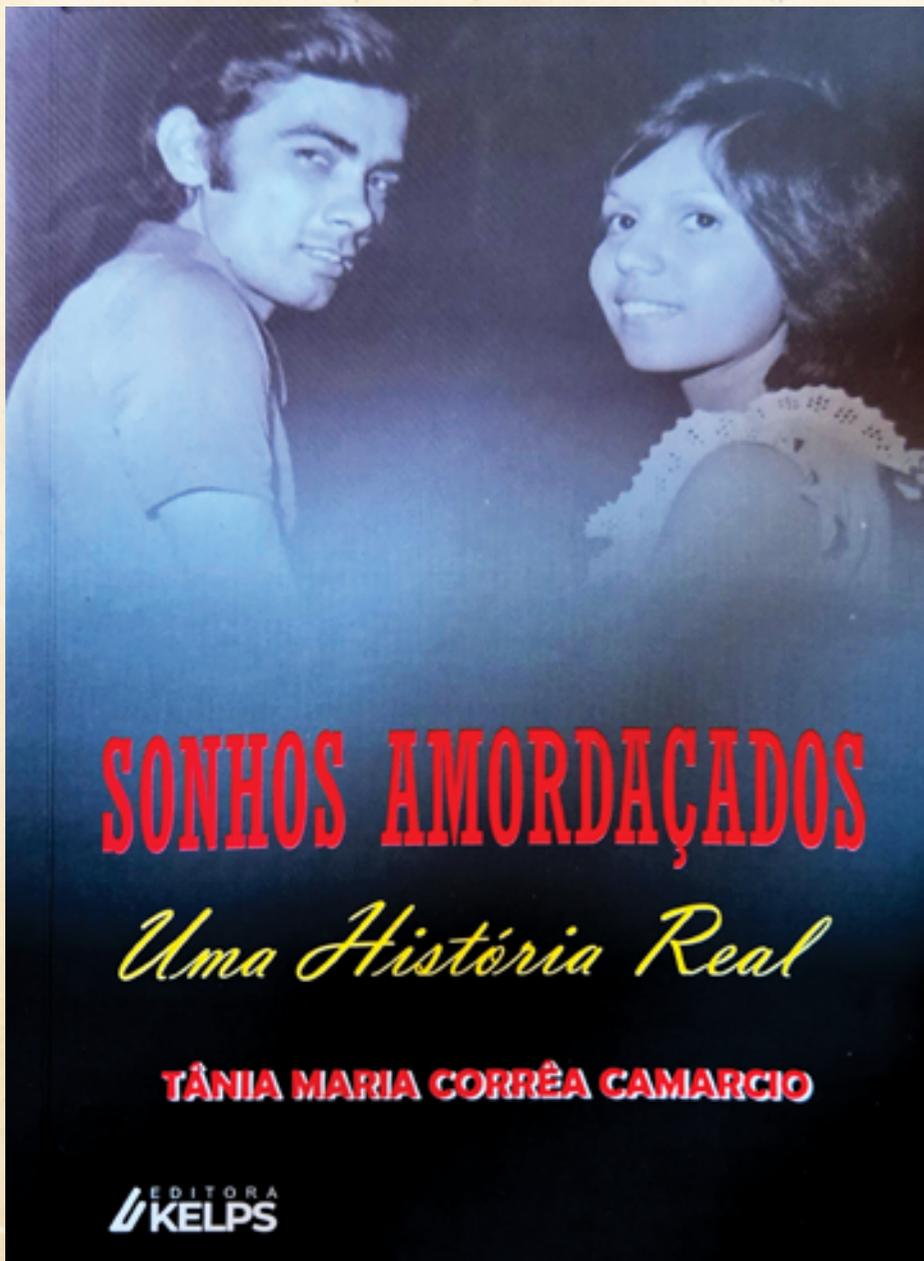
Faz quatro dias que a natureza chora chuva.

E no quarto dia é Natal.

Faz também quatro anos que Maria Cheia de Graça dava à luz Carolina, menina pobre, sem braço e sem boneca.

Mas Carolina, filha de Maria Cheia de Graça, só existe porque existe uma prisão, irmãos. Uma prisão onde há um homem preso. Só, triste e preso.

Se do lado de lá há um homem preso, do lado da cá, há uma mulher só, triste e solta. Entre um homem



preso e uma mulher solta há um longo corredor, mais comprido e triste do que o corredor do hospital onde nasceu Lara. Mais comprido, mais sujo e mais triste também.

É um corredor de prisão, que separa o homem da mulher. Esse corredor, irmãos, bem pode ser

um corredor onde passa a minha, a sua, a nossa tristeza.

É um corredor russo, com certeza. Ou um corredor chinês, quem sabe? Um corredor no Paquistão. Ou um corredor nos Estados Unidos, desunidos por todos nós, católicos, protestantes e espíritas



que rezamos pela revolução do amor, na terra do desamor.

Se há hoje um choro coletivo da natureza, há hoje também um choro individualizado da mulher solta. A mulher chora, irmãos, o homem preso. E eu choro, irmãos, a mulher que chora o homem preso. É uma mulher pequena e tímida. Há uma mulher que entende das coisas, e chora. Mulher que começa a entender das coisas no mundo dos homens acaba chorando. Chora a mulher, no coletivo choro da natureza, que chora há quatro dias.

O homem preso é um homem que roubou. O homem preso é um homem que matou. O homem preso é um homem que nem roubou, nem matou, mas está preso. É o homem que está preso porque resolveu melhorar a vida de outro homem. Escuta aqui, homem que nem roubou, nem matou: Eu também sou um homem. Sou marido de Linda e pai da Lara. Estou solto e penso em você, homem que está preso.

Eu sei que tem um escritor que chegou a escrever que daria um bilhão de libras esterlinas por um resto de luz na vida escura da prisão vazia. Mas não liga não, homem que está preso. Em penso em você. E sua mu-

lher, homem que está preso, também pensa em você.

Enquanto o mundo cristão-anão põe o vinho no copo, a comida na mesa e esquece você, homem que está preso, eu não esqueço não.

O desencontro de agora vai ao encontro marcado no dia de amanhã, na vida de cada um. E vai chegar o dia, homem que está preso, que você vai estar solto na memória de cada um, em cada Natal, na casa de todos. Haverá um dia, homem que está preso, que você só será preso pelo amor de sua mulher solta. E não liga não, tem muita gente hoje que está solta na vida e presa no desespero.

No desespero de não saber que o dia nasce a cada dia, a esperança nasce a cada hora, a felicidade nasce de cada minuto, e o amor se renova no segundo de cada nascimento. Não importa não, irmão que está preso. A chuva não dura muito. A natureza não vai chorar [para] sempre o seu choro coletivo.

Já faz quatro dias que chove, irmão. Importa não: a chuva que chove só faz esconder o sol quente de verão que vem aí. Um sol forte e quente que vem queimar a vida da gente.

Chora não, mulher que tem o homem preso. Chora não, mulher da China, chinesa é. Chora não, mulher da Rússia, russa é. Chora não, mulher do Tio Sam, americana é. Chora não, mulher goiana, Tânia é.

Chora não, gente, o sol quente de verão vem vindo. Não chora, Maria, minha mãe. Não chora, Maria, bonita, cheia de graça. Não chora, Maria, mãe minha: meu pai não está preso na terra. Meu pai, Maria minha, cheia de graça, está preso no céu.

Pai nosso, que estás no céu, cuida da mulher solta que tem o homem preso. Cuida, pai, o homem nem roubou, o homem nem matou, o homem, pai, que nem roubou, nem matou, está preso porque resolveu melhorar a vida de outro homem. Cuida, pai nosso que estás no céu, da Maria, bonita, cheia de graça, mãe nossa de cada dia, e cuida também, pai nosso que estás no céu, da mulher solta que chora o choro só de saudade.

Eu sei que é um choro pra dentro, diferente desse choro coletivo da natureza que chora há quatro dias. É um choro mais chorado. Um choro de mulher que entende das coisas no mundo dos homens. Um choro de mulher intuitiva, que sabe das coisas e vê o mundo novo vindo aí, no lombo de cada ano, nas pernas de cada dia, nos pés de cada minuto, no cheiro de cada segundo."

Nota da Redação - Recebi, neste começo calorento de dezembro, o livro, autografado, da amiga e companheira Tânia Camárcio. Li de uma sentada só, sem parar de chorar chorando. Porque Tânia nos conta, por sua própria história e em sua escrita arguta e terna, as dores e delícias de uma juventude que foi à luta por este Brasil democrático que, apesar dos pesares, nos dá o direito, conquistado pela bravura de jovens como Valdi e Tânia, de pelo menos sonhar com um viver "Sem Medo de Ser Feliz". **Zezé Weiss** - Editora.



Tânia Maria Corrêa Camárcio - Escritora goiana, excertos do livro *Sonhos Amordaçados, uma história real*. Editora Kelps, 2014.

Continua! Chico

*me! e
Can
me! e
Can*



S =
CH
M

CHICO MENDES

PROGRAMAÇÃO
COMPLETA



Vive!



MANA
ICO 80 *anos*
ENDES

NDDES VIVE!

 **xapuri**



ALGUNS ELEMENTOS DA ECOLOGIA CERRATENSE

Altair Sales Barbosa

A área contínua dos cerrados inclui praticamente os estados Goiás e Tocantins, oeste e norte de Minas Gerais e da Bahia, leste e sul do estado de Mato Grosso, a totalidade do estado de Mato Grosso do Sul, e sul dos estados do Maranhão e do Piauí.

Dessa área contínua e maciça, há finas ramificações que penetram em Rondônia, Sul do Pará e São Paulo. As áreas disjuntas dos cerrados em outros tipos de vegetação, de tamanhos variados, ocorrem em diferentes partes do Brasil, notadamente no Nordeste, em São Paulo, no Paraná e na Amazônia.

O que caracteriza essa área é a alternância de formas topográficas representadas pelos relevos planálticos, morros de altura variada e depressões estreitas ou mais amplas.

Dependendo da espessura e da composição dos solos, as fisionomias dos cerrados e de outros tipos de vegetação podem estar nitidamente separadas ou podem confundir-se em contatos pouco nítidos.

Mesmo quando o Cerrado recobre grandes chapadas e chapadões tabulares, sua homogeneidade é quebrada com frequência por vales, tantos os estreitos e profundos como os amplos e os rasos nos quais, pelo afloramento do lençol d'água, ou pela mudança dos componentes minerais e orgânicos dos solos, somados a uma maior proteção contra o fogo, a vegetação modifica-se inteiramente, ora para o tipo florestal, ora para os campos limpos com buritis, constituindo esses últimos as paisagens das veredas.

Ao se estudar a ecologia dos cerrados, observa-se que uma das características mais marcantes da sua biocenose é a dependência de alguns de seus componentes dos ecossistemas vizinhos. Muitos de seus animais têm seu nicho distribuído entre o subsistema do Cerrado propriamente dito e o subsistema das matas. Podem, por exemplo, passar grande parte do dia no Cerrado e abrigar-se, à noite, nas matas e vice-versa.

Os tipos de vegetação que recobrem a grande área do Pantanal de

Mato Grosso têm sido considerados sob a designação de Complexo do Pantanal. Essa expressão, embora registrada por um bom número de pesquisadores e consagrada na literatura científica, não deve ser mantida quando se referir ao mapeamento 1:1.000.000 e maiores, o que na verdade se observa nessa extensa planície é a influência topográfica em função das enchentes periódicas.

Maior ou menor tempo de permanência da água, superficial e subsuperficial, está inteiramente dependente das feições topogeográficas do solo. Variações de apenas alguns centímetros podem definir a ocorrência de matas, campos limpos, carandazais, campos permanentemente inundados etc.



Altair Sales Barbosa - Arqueólogo. Antropólogo. Sócio-Titular do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás. Pesquisador do CNPq. Conselheiro da Revista

Xapuri desde dezembro de 2014. Excerto do livro *Cerrado - a constelação do meio-dia*, Instituto Altair Sales, 2022.



A lenda do céu

Mário de Andrade

Andorinha... andorinha... andorinha voou... andorinha caiu... curumim carregou.

- Piá, não me maltrata não, que eu levo você pro mato, enxergar bichos tamanhos e correr com os guanubis.

O menino brincava... andorinha sofria... de um lado pra outro atordoada gemia.

- Piá, não me maltrata não, que eu levo você pro mar, ver as ondas, ver as praias, ver os peixinhos do mar.

O menino malvado machucava e, já morre morrendo, a coitada falou:

- Piá... não me maltrata não, que eu levo você pro céu e nunca ninguém não cansa de ver as coisas no céu, é um sítio bonito mesmo, beradiando o trem de ferro, lá você acha a sua gente, que faz muito que morreu, assegura em minhas penas, vamos embora com Deus.

Andorinha... andorinha... foi voando pro céu... curumim carregou.

- Assegura bem, menino, não tem saudade do mundo, que o mundo é só perdição.

Avoou... avoou... afinal se chegou. Andorinha desceu, curumim apeou, abriu os olhos e viu, era o céu... Ô boniteza... tinha espingarda, gangorra... estilingue, tantas surpresas que era mesmo um desperdício.

- Olha o cachorro jaguar... olha aquela siriema... olha as três Marias... da gente bolear andus, era que nem um pomar, com tanta fruta aromando que o ar ficava... que ficava... bonzinho de respirar.

O menino caminhava pelos postes da linha e lá pelo varjão se ouvia, de uma fordeca xispada, um aboio, tão chorado... que acuava, no corpo doce, o sono do brasileiro.

Tinha mandioca e açai, mate, cana, arroz, muita banana e feijão, milho, cacau. Tinha até pra lá do cercado novo, cheio de taperebás, um rancho do nosso povo com seu mastro de São João e no galpão um homem comprido de uma quente morenês, com a pele bem sapecada pelo sol desse país, tocava uma sanfona, uma mazurca tão linda que se parava um bocado o ouvido cantava ainda.

O menino olhou pro homem e disse:

- Bastarde, tio...

- Meu sobrinho... entra no rancho, nossa gente já está lá.

E o menino se rindo, matava a saudade do coração... tomava a benção da mãe... do pai... abraçava o irmão...

Afinal topou com o primo que era unha e carne com ele e comovidos os dois se deram as mãos e foram brincar pra sempre pelos pagos abençoados do meio-dia do céu.

No céu, é sempre meio-dia, não tem noite, não tem doença e nem outra malvadez, a gente vive brincando e não se morre outra vez.



Foto: Izabel Bel / divulgação



Mário de Andrade - (1893-1945), Escritor modernista, crítico literário, folclorista, musicólogo e ativista cultural. Lenda enviada por Altair Sales Barbosa.

FIM DA ESCALA 6X1 E ISENÇÃO DO IR SÃO PAUTAS DA CLASSE TRABALHADORA

Alberto Cantalice

As lutas da classe trabalhadora ganharam um impulso significativo na atual quadra política. O movimento pelo fim da extenuante escala de trabalho 6x1, que abrange milhões de trabalhadores/as do comércio, entregadores/as por aplicativo, prestadores/as de serviços e empregados/as em geral.

O movimento pela justiça da reivindicação mobilizou ruas e redes sociais, fazendo a proposta de PEC apresentada conseguisse rapidamente as assinaturas necessárias para iniciar sua tramitação.

Outra proposta que pode iniciar um amplo movimento é a isenção do Imposto de Renda para quem ganha até 5 mil reais, com alíquota mínima para quem recebe até 7.500 reais.

Essa isenção abrange aproximadamente 36 milhões de trabalhadores localizados nas classes C e B. Na proposta apresentada pelo governo, o custo dessa isenção virá das altas rendas.

Esse gráfico (em destaque) do Professor Sérgio Wulff Gobetti, economista do IPEA, a tributação das altas rendas – os que per-

Centil IRPF	N pessoas	Renda mensal per capita (R\$)	Renda anual total (R\$ milhões)	IR atual (R\$ milhões)	IR atual/ renda	IR mínimo (R\$ milhões)	IR adicional (R\$ milhões)
1	38.417	69.379	31.984	3.407	10,7%	3.198	-
2	38.417	74.490	34.340	3.608	10,5%	3.434	-
3	38.417	80.663	37.186	3.756	10,1%	3.719	-
4	38.416	88.475	40.786	3.923	9,6%	4.079	156
5	38.417	99.067	45.670	4.348	9,5%	4.567	219
6	38.417	113.683	52.408	4.738	9,0%	5.241	502
7	38.416	136.109	62.745	5.280	8,4%	6.275	995
8	38.417	175.416	80.868	6.327	7,8%	8.087	1.760
9	38.417	263.449	121.451	8.882	7,3%	12.145	3.263
10	38.417	360.996	166.643	11.114	6,7%	16.644	5.530
1	3.842	392.901	18.114	1.247	6,9%	1.811	565
2	3.841	429.682	19.805	1.282	6,5%	1.980	699
3	3.842	478.745	22.072	1.510	6,8%	2.207	697
4	3.841	544.689	25.106	1.678	6,7%	2.511	833
5	3.842	634.593	29.257	1.944	6,6%	2.926	981
6	3.842	767.416	35.381	2.354	6,7%	3.538	1.184
7	3.841	992.363	45.740	2.927	6,4%	4.574	1.647
8	3.842	1.466.599	67.616	4.431	6,6%	6.762	2.331
9	3.841	5.103.205	235.217	15.189	6,5%	23.522	8.333
Total	384.167	2.661.320	1.022.391	77.945	7,6%	102.239	24.715

tualmente pagam menos – poderá cobrir o custo da isenção.

Não será fácil. A defesa dessa bandeira exigirá uma mobilização imensa dos setores progressistas da sociedade brasileira.

O Congresso, de maioria conservadora, resiste a toda e qualquer proposta que vise uma maior justiça tributária: estão aí os prolongamentos dos gastos tributários e do Perse para provar.

Sem mobilização de rua e engajamento nas redes, os parlamentares não sairão de sua zona de conforto que é a do atendimento aos lobbies poderosos do Capital em detrimento do trabalho.



Alberto Cantalice – Jornalista, editor da Revista Focus Brasil. Fonte: <https://fpabramo.org.br/focusbrasil/2024/12/03/fim-da-escala-6x1-e-isencao-do-ir-sao-pautas-dos-trabalhadores-por-alberto-cantalice/>





RUA DOS CRIoulos, A PRIMEIRA RUA DE FORMOSA

Alfredo A. Saad

Não é muito difícil, hoje, imaginar a primeira rua de casas, com a aparência de rua verdadeira, no arraial de Couros. Diz a lenda que, tangidos por doenças que assolavam o Arraial de Santo Antonio, nas proximidades da Cachoeira do Itiquira, no Vão do Paranã, os habitantes reuniram suas coisas, seus cacarés e mudaram-se para um sítio mais saudável – o local onde hoje ergue-se Formosa.

Na verdade, a mudança e o consequente abandono de Santo Antonio deve, sim, ter sido motivado, em parte, por doenças, malária, em especial, muito comum na região do Paranã, mas, principalmente, deve ter-se realizado porque a proximidade do Registro da Lagoa Feia certamente tornaria possíveis melhores negócios para quem vivia do comércio de pele de animais, carne seca e de couro de gado. (...).

A rua de casas de coqueiro (possivelmente, algumas cobertas de capim agreste), formou-se às margens do pequeno córrego afluente do Brejo – Josefa Gomes –

que corria a céu aberto no centro da cidade de Formosa até meados da década de 1960.

Esse córrego, que nunca recebeu um nome, era formado pelas águas do córrego do Abreu e pelas águas de uma nascente localizada no atual largo do Cemitério. Assim, ele tinha água abundante, mesmo no período mais seco do ano.

Por sua vez, o córrego do Abreu corria desde o alto da planura, próximo do lugar onde hoje está o aeroporto. À margem da corrente de água resultante dos dois, beirando o primeiro, nasceu a rua dos Crioulos e nasceu Formosa.

A rua dos Crioulos, mais tarde rua do Norte, era um alinhamento de choupanas, apenas. Era uma rua pequena e larga, que se iniciava onde hoje passa a Rua Visconde e morria num rasgo onde mais tarde foi construído um muro transversal que lhe cortava o caminho.

Um quarteirão, apenas. Um quarteirão longo, comparando-se com os outros quarteirões da cidade, formando uma rua em arco,

segundo o traçado do córrego que a dividia ao meio.

Ladeando o córrego, dezenas de eucaliptos, plantados muito mais tarde, nos anos trinta do século vinte, cumpriram a tarefa de reduzir a umidade do solo, bastante brejoso perto da passagem, sob o muro do final da rua.

Quantos ranchos de palha essa rua teve, no início, nunca se sabe. Não devem ter sido numerosos, pois, mesmo reduzidamente espaçados entre si, o seu número não poderia ultrapassar vinte fogos, dez de cada lado do córrego. Vinte ranchos, no máximo.

Esse número, contudo, provavelmente seria menor, porque, logo, algum espaço daquela rua inicial foi tomado para a construção da casa de orações do povoado. Em algum lugar naquela rua, então, erigiu-se a primeira igreja de Couros.



Alfredo A. Saad (1938-2011)

– Escritor formosense, em *Album de Formosa* – um ensaio da história de mentalidades, obra póstuma, 2013.



Foto: Arquivos Público

TXIMA: ENSINANDO A CONVERSAR COM A FLORESTA

— José Bessa Freire

*Ouvimos as vozes da floresta,
só nos sentimos bem se ficarmos à sua escuta
e compreendermos tudo o que ela diz.*

Davi Kopenawa - 2023



Foto: Taou Pich'i

Narrativas de



Crianças *Huni Kuĩ* da escola indígena da aldeia Arco-Íris, no alto rio Tarauacá (Acre), estão aprendendo a conversar com a floresta. Sua professora é Txima Inani Bake, matriculada no Curso de Licenciatura Indígena da Universidade Federal do Acre (UFAC), campus Floresta, em Cruzeiro do Sul, com o nome de Duzilda Pinheiro Paulino. No debate ao final da aula inaugural “Línguas e Narrativas Indígenas”, que citou Davi Kopenawa, ela se sentiu reforçada em sua prática e revelou:

– Vi que é correto o que faço ao ensinar na escola as linguagens da floresta para as crianças entenderem os pássaros e as árvores, o que dizem seus cantos e suas folhas e até seus gritos de dor durante desmatamentos e queimadas. Os pássaros nos avisam sobre a chegada de algum parente, a proximidade de certos animais ou a hora do dia. As folhas das árvores nos anunciam as ventanias e a chuva. Mas é preciso entender suas linguagens para ficarmos conectados.

Convém perguntar: em que medida a metodologia de Txima, que devia ser generalizada, é usada por cerca de 200 docentes das mais de 100 escolas *Huni Kuĩ*? Não é fácil dialogar com a floresta amazônica, que é poliglota e fala milhares de línguas. São mais de 1.300 espécies de aves, 427 tipos de anfíbios, 425 classes de mamíferos, além de 50 mil espécies de plantas até hoje conhecidas e catalogadas, que compartilham o território com os *Huni Kuĩ*.

Ouvir as vozes da floresta depende da competência na língua ancestral, que registrou esses saberes e faz parte da biofonia florestal nos rios Juruá e Purus. Acontece que, em metade das 12 terras *Huni Kuĩ* do Acre, só os velhos falam a “língua verdadeira, de gente” – diz Joaquim Kaxinawá em tese de doutorado sobre a *Gramática da Língua Hãtxa Kuĩ*, defendida na UnB. Crianças e jovens falam português como pri-

meira língua em decorrência da violência histórica que sofreram.

TEMPO DAS CORRERIAS

A invasão do território, a matança e escravização de indígenas na exploração dos seringais marcaram o fim do longo Tempo das Malocas na periodização estabelecida no livro *Índios no Acre*, escrito por professores bilingües. O *Tempo das Correrias* seguido do *Tempo do Cativo* foram de extrema violência. Felizardo Cerqueira “amansava” os índios, picava o braço deles com agulha e passava tinta preta de jenipapo misturada com pólvora, tatuando-os com as letras FC para os outros “patrões” saberem que eram “propriedades” suas.

– Eu tinha o hábito de marcar todos os índios com as letras FC e o número de ordem com que foram amansados – escreveu em seu relatório o seringalista Felizardo, um dos patrões mais “bonzinhos”, pois havia outros medonhos ainda piores. O antropólogo Terri Aquino fotografou o braço do velho Regino Kaxinawá com esta marca, também gravada em Nicolau, Chico Curumim, Romão Sales, Valdemar Damião e outros velhos *Huni Kuĩ*, conhecidos então como *Kaxinawá*.

O território *Huni Kuĩ*, que já estava ocupado em 1913, no final do ciclo da borracha, por 100 mil migrantes nordestinos, foi recuperado gradualmente na nova era – o *Tempo dos Direitos* – inaugurado com a Constituição de 1988. Hoje, eles vivem



Foto: TacQuiprcti



Foto: TaQuiPrati

no *Tempo do Governo dos Índios* e constituem a mais populosa nação indígena das 16 existentes no Acre. Somavam no Brasil, em 2020, 11.729 pessoas, conforme dados da área de saúde (Siasi/Sesai) e 2.419 na Amazônia Peruana, (Censo Nacional do Peru 2017).

A história vivida nesses diferentes períodos aparece nas entrelinhas do depoimento bilingue de Txima para o projeto cartografias amazônicas da Universidade Federal do Pará (UFPA).

O ALFABETO KENE

Nascida no dia 5 de maio de 1998 na aldeia Altamira, filha de Kupi Inu Bake e de Pãteani Banu Bake, Txima é casada, tem três filhas e aos 26 anos está grávida de dois meses de mais uma criança. Reside hoje na aldeia Arco-íris do Alto Rio Tarauacá, na Terra Indígena Seringal Independência do município Jordão.

Com pintura facial e trajando roupa de tecidos coloridos, ela gravou seu depoimento na língua materna *Hãtxa Kuĩ*, da família Pano, que em seguida traduziu ao português:

- Todo trabalho nosso é ligado à natureza. Tudo o que nós sabemos nos foi ensinado por animais e vegetais, por isso somos gra-

tas a eles, de quem precisamos para sobreviver. Entendemos a linguagem da floresta, que recupera os nossos mitos através do artesanato.

Txima pesquisa os *kenes*, que são os grafismos sagrados de seu povo, expressão exclusiva das mulheres, cujos padrões geométricos são usados nas tecelagens, em artesanatos e nas pinturas corporais e já percorreram o mundo em diversas exposições, uma delas na Sala do Artista Popular no Museu do Folclore do Rio de Janeiro, em 1999, com catálogo que registra os 25 *kene* do corpo de uma jiboia.

- Da mesma forma que as pessoas, esses *kene* vão se casando uns com outros para dar à luz

novos *kene*, como as letras do abecê que se juntam em inúmeras combinações e conseguem parir palavras diferentes. Por isso, comparo o *kene* com o alfabeto, capaz de criar um número infinito de palavras, cada uma com nome e significado diferente. “O *kene* é, além de desenho, escrita” – foi o que disse o pesquisador *Huni Kuĩ* Agostinho Muru, citado no catálogo, com palavras aqui ligeiramente “enfeitadas”.

Uma narrativa mítica sobre origem do *kene* foi contada por Txima, que registrou sua versão, na qual os personagens centrais são Yube – a jiboia encantada, e Siriani – uma jovem *Huni Kuĩ*.

Siriani vai tomar banho no igarapé e no meio do caminho





FLORESTA POLIGLOTA

Outros povos, como os Yanomami, também “mantém um diálogo constante com a multiplicidade de vozes da floresta”, segundo Davi Kopenawa, citado por Bruce Albert no artigo *A floresta poliglota*. Os cantos, gritos e chamados de inúmeros pássaros, mas também de batráquios e insetos, formam a “grande orquestra animal”, que revela a presença na floresta de frutas, de plantas, de presas, emitindo sinais sonoros de caça, com previsão de mudanças climáticas e ecológicas.

Os Yanomami traduziram as falas de uma longa lista de vocalizações de cada animal que “constituem formas de linguagem equivalentes às da gente humana” e permitem estabelecer conversas, diálogos, cerimônias, cantos, lamentações. Esta

encontra a jiboia, com o corpo cheio de desenhos. A jovem fica deslumbrada com o que vê. Ao retornar, a cobra havia se transformado em um homem com o corpo todo pintado com os mesmos *kene*. Ele pingou um colírio feito com uma planta sagrada nos olhos de Siriani e lhe disse:

– Cada ser tem sua própria pintura, que fica invisível. Mas agora você pode ver.

Siriani começou a enxergar os *kene* dos animais e das plantas, aprendeu a desenhá-los e ensinou a seu povo, a quem deixou um legado: hoje os desenhos geométricos do *kene* com representações de plantas e animais constituem marca identitária dos *Huni Kuĩ*.

Cada grafismo tem um significado, uma história, e traz força, energia. As estampas do macaco

trazem agilidade e poder; as da curica ou papagaio-do-mangue, o vigor do fogo, a determinação, a inteligência e a coragem; a arara, a melodia da voz e a beleza. E assim por diante.

O conhecimento do *kene* permite que os *Huni Kuĩ* executem vários padrões nas pinturas corporais e em diversos suportes ou matérias-primas com que confeccionam diferentes objetos: cestaria, cerâmica, pratos, cestos e redes tecidas com fios de algodão, mantas, chapéus, mochilas, tipoiás para carregar os filhos. O *kene* é um arquivo que guarda histórias, rituais, cantos sagrados, danças.

– A aranha é a dona do algodão. Ela nos ensinou a tecelagem e, quando vestimos roupa artesanal desenhada com os *kene*, sentimos sua energia e força – disse Txima.



Narrativa gráfica de Cledeilton Huni Kuĩ

“encenação sonora” de conversas na forma de séries de onomatopeias e de diálogo humanos dão conta da “riqueza do despertar progressivo dos cantos e dos chamados dos animais na aurora”.

Um exemplo é o relógio dos *Huni Kuĩ*, no Tempo das Malocas, que marcava as horas ouvindo a floresta:

– São três horas da madrugada
– anuncia o sereno espesso que cai do céu.

– Deu 5h00 – canta o jacu, que acabou de despertar.

As diferentes posições do sol e as aves indicam as horas seguintes. Quando o gavião branco pia, dando voltas no céu, são 10h00. Às 17h00 os maracanãs se retiram para dormir, às 18h00 cantam os nambus, às 19h00 é a vez do gorjeio da corujinha conhecida como caburé. A coruja maior vai se manifestar às 22h00 e o jacamim, às 23h00.

O SOFRIMENTO DAS FLORES

Os analfabetos da oralidade, que desdenham quem antropomorfiza a natureza e luta pelos direitos de seres vivos em qualquer ecossistema, consideram “loucas” as pessoas que mantêm uma escuta ativa de animais e plantas, como observa com propriedade Gabriel Garcia Marques na crônica *Cómo sufrimos las flores* (9/12/1981).

Baseado no texto de um biólogo sobre a alma das plantas, o escritor colombiano nos assegura que as flores adoram música, têm memória e, quando dentro de casa, fazem parte do núcleo familiar e até sofrem com as brigas de casais. O escritor recebeu telefonema de um amigo, que lhe perguntou sobre o tema da próxima crônica:

– *Estoy escribiendo sobre el sufrimiento de las plantas y las flores.*

–¡Ah, carajo! ¿No te estarás volviendo maricón?

O homofóbico, que tinha a intenção de assim menosprezar as conversas com plantas e animais, não desconfiava que se tratava de um elogio à sensibilidade de seu autor.

P.S. As outras quatro narrativas gravadas, que merecem uma resenha, foram: **1) Sabá Manchineri:** *O mito do caçador canibal.* **2) Sheré Noke Kuĩ** (Kaktukina): *As rezas sagradas e a cura dos doentes;* **3. Siná Yawanawa:** *Os mitos orientadores da arte;* **4. Siã Inu Bake Huni Kuin** (Marcos): *A ayahuasca e a medicina tradicional.* O artista plástico Cledeilton Huni Kuĩ também está produzindo uma narrativa gráfica sobre o Tempo das Correrias.



José Bessa Freire – Cronista. Professor. Indigenista. Conselheiro da *Revista Xapuri*. Publica suas crônicas em www.taquiprati.com.br.



Foto: TaquiPrati

BIA DE LIMA DESTINA R\$ 7,8 MILHÕES PARA A EDUCAÇÃO PÚBLICA GOIANA



Foto: Sintego

Bia de Lima, a Deputada da Educação, direcionou R\$ 7,8 milhões das emendas parlamentares para a educação pública goiana, abrangendo mais de 120 municípios.

Os recursos, segundo o Gabinete 13, da Deputada, serão destinados à

melhoria da infraestrutura, aquisição de equipamentos e implementação de tecnologia nas escolas públicas do estado de Goiás.

Parabéns, Deputada Bia de Lima, por acreditar e investir na Educação do nosso estado de Goiás!



Foto: Arquivo Pessoal



O PARTEJAR DE DONA FLOR: SAÚDE INTEGRAL

Florentina Pereira Santos

A parteira cuida da saúde da comunidade, de todos os seres ter dependentes que foram ela: águas, terra, animais, plantas, mulheres, homens, pessoas com gêneros diversos, bebês, crianças, invisíveis, minerais.

A prevenção é não fazer as burrice que a gente faz hoje, ficar comendo óleo de soja. A pobreza da vida financeira traz a riqueza da saúde, porque a gente não tem dinheiro para comprar coisa industrial, a gente faz do mato e come, e aí tá com saúde.

Agora cê tá cheia do dim-dim aí, comida pronta, marmitinha daqui marmitinha do acolá, comida de restaurante, comida que tá fazendo com 15 dias, aí põe lá pra esquentar, a gente come.

Antigamente nem fogão a gás a gente tinha. Antigamente não existia alface, a verdura que tinha era couve e mostarda. Cebolinha, coentro, salsinha, era esse o que tinha. Hoje tem repolho, hoje tem aquilo otru.

Mas tudo tá envenenado, porque até o adubo do bovino eu não tô querendo usar na minha horta mais, por causa do veneno. A terra segura tudo e nela vai distribuindo. Minha opinião é que meió não cumê. Porque ocê vai cumê uma coisa que ofende a sua saúde..., não adianta ser bunito, ser gostoso, ser isso ou aquilo. Gostoso é aquilo que não faz mal pra gente.

A saúde já vem desde a geração das criança na barriga da mãe. Ó, cê tá com intenção de engravidá, então cê vai no médico, faz exame, leva o pai do seu filho, seu namorado, seu marido, seu quem fô, faz a consulta dele pra vê que tipo de doença que ele tem.

Porque muitas vezes a muié não engravida, num é ela, é o home. O home pensa que eles num doece, mas doece, é carne e osso, todo mundo doece, né?

Então o primeiro caminho é esse, após isso a prevenção é a boca: não fumá, não bebê bebida alcoólica, não cumê essas coisas que muitos tão cumeno, açúcar cristal, esses enlatado, essas coisa que tá tudo empacotado. Procurá cumê duas coisa, ou três coisa, mas que tenha proteção.

HIGIENE

Higiene... quando eu falo pras muié assim:

- Ah, mas ceis num tem giene...

- Ah, mas eu tomo banho todo dia... escovo meus dente...

Giene num é isso não, giene é do sangue, é do espírito, cê teno boa giene do que cê come, seu sangue fica purificado.

Num fica falano bobage, falano palavrão, tudo isso atinge a gravidez, u bebê aprende.

Nós aqui no Moinho, eu garanto que nós tamo bebendo uma água limpa, mas quem mora na cidade não tá.

Aquele cloro é um veneno... Eles diz que põe cloro pra limpá a água, eles põe cloro é pra matá o povo. Por que que tá o fígado da pessoa como tá? Gastrite dela como tá?

Por que a água da torneira endurece o cabelo da gente? É o cloro. As indústria hoje pra ganhar dinheiro tá matano quem não tem dinheiro...

PREVENÇÃO

Se nós qué tê saúde, nós qué tê saúde, nós tem que privini. Tem uma prevenção geral, em tudo, até no modo de nós falá com as pessoa. Nós não podemos agredi ninguém, discriminá ninguém. Porque tudo isso é doença.

Se eu num doeço porque eu tô agredino ocê, mas ocê adocece porque recebeu de mim uma palavra que machucou ocê. Que a palavra vai

direto no coração, e depois ela vai pra alma e fica doente pro resto da vida.

E o que ocê pensa de mim? Hã? Ocê vai ficá com ódio de mim, cê vai querê fazê uma vingança comigo...

A saúde nossa só permanece se nós respeitá as pessoa, amá (...). Será que a dona Flor ama assim? Eu tento... Cês acha que eu num tento amá? Eu tento. Mas eu num sei se eu teno amô suficiente pra isso.

É como nós amá a natureza. Quando chegá num pé de árvore, derrubá ele sem necessidade nenhuma; derrubá um fruto que tá verde que nós num vamo cumê; jogá pedra num pássaro, quebrá a asa dele, deixá ele sofrero... Esse é o amor que muitos num têm, né?

Botá fogo, queima as erva tudo, queima os animais tudo... seca a água do rio. Vira aquele pó, aquela poluição horrorosa, adocece o povo. E aí agora? Ao invés deles cuidá dissaí, qué botá é veneno na água, né?

Qué tirá o esgoto de uma cidade do tamanho de Alto Paraíso (GO), pra colocá dentro do rio. E depois que colocá o esgoto dentro do rio, colocá o veneno pra matá os vírus que tá no esgoto. Cês acham que isso é uma coisa de gente?

Existe coisa mais limpa do que a água? O ar num é mais limpo do que a água não. Porque a água respira pro ar. Fervê adianta. Cê ferve a água de noite, coloca numa botija, num pote, numa coisa assim. E põe no sereno. Fica uma água purificada, cê pode usá ela pro que cê quisé.

Água fervida é uma água abençoada...



Florentina Pereira Santos - Dona Flor (1938-2023), em *O*

Partejar e Farmacopeia de Dona Flor - História de ensinamentos de uma mestra quilombola, com

Juliana Floriano Toledo Watson, organizadora. Editora Avá, 2022.



"A BELEZA SALVARÁ O MUNDO": DOSTOIEWSKI NOS ENSINA COMO

Leonardo Boff

Dos gregos aprendemos, e isso atravessou os séculos, que todo ser, por diferente que seja, possui três características transcendentais (estão sempre presentes, pouco importa a situação, o lugar e o tempo): ele é o *unum*, o *verum* e o *bonum*, quer dizer, ele goza de uma unidade interna que o mantém na existência, ele é verdadeiro, porque se mostra assim como de fato é, e é bom porque desempenha bem o seu lugar junto aos demais, ajudando-os a existirem e coexistirem.

Coube aos mestres franciscanos medievais, como Alexandre de Hales e especialmente São Boaventura, que, prolongando uma tradição vinda de Dionísio Aeropagita e de Santo Agostinho, acrescentarem ao ser mais uma característica transcendental: o *pulchrum* vale dizer, o belo.

Baseados, seguramente na experiência pessoal de São Francisco, que era um poeta e um esteta de excepcional qualidade, que "no belo das criaturas via o Belíssimo", enriqueceram nossa compreensão do ser com a dimensão da beleza.

Todos os seres, mesmo aqueles que nos parecem hediondos, se os olharmos com afeição, nos detalhes e no todo, apresentam, cada um a seu modo, uma beleza singular na maneira como neles tudo vem articulado com um equilíbrio e harmonia surpreendentes.

Um dos grandes apreciadores da beleza foi Fiodor Dostoiêvski. A beleza era tão central em sua vida, conta-nos Anselm Grün, monge beneditino e grande espiritualista, em seu último livro *Beleza: uma nova espiritualidade da alegria*

de viver (Vier Türme Verlag 2014), que o grande romancista russo deslocava-se pelo menos uma vez ao ano até Dresde, na Alemanha, só para contemplar na capela a formosa Madona Sixtina de Rafael.

Permanecia longo tempo em contemplação diante daquela esplêndida figura. Tal fato é surpreendente, pois seus romances penetraram nas zonas mais obscuras e até perversas da alma humana. Mas o que o movia, na verdade, era a busca da beleza, pois nos legou a famosa frase: "A beleza salvará o mundo", dita no livro *O Idiota*.

No romance *Os irmãos Karamazov* aprofundam a questão. Um ateu Ipolit pergunta ao príncipe Mynski como "a beleza salvaria o mundo"? O príncipe nada diz, mas vai junto a um jovem de 18 anos que agonizava. Aí fica cheio de compaixão e amor até ele morrer. Com isso nos quis dizer: beleza é o que nos leva ao amor compartilhado com a dor; o mundo será salvo hoje e sempre enquanto houver essa atitude.

Para Dostoiêvski, a contemplação da Madona de Rafael era a sua terapia pessoal, pois sem ela desesperaria dos homens e de si mesmo, diante de tantos problemas que vivia. Em seus escritos, descreveu pessoas más e destrutivas e outras que mergulhavam nos abismos do desespero. Mas seu olhar, que rimava amor com dor compartilhada, conseguia ver beleza na alma dos mais perversos personagens. Para ele, o contrário do belo não era o feio, mas o espírito utilitarista e o uso dos outros, roubando-lhe assim a dignidade.

"Seguramente não podemos viver sem pão, mas também é impossível existir sem beleza", repetia. Beleza é mais que estética; possui uma dimensão ética e religiosa. Ele via em Jesus um semeador de beleza. "Ele foi um exemplo de beleza e a implantou na alma das pessoas para que através da beleza todos se fizessem irmãos entre si". Ele não se refere ao amor ao próximo; ao contrário: é a beleza que suscita o amor e nos faz ver no outro um próximo a amar.

A nossa cultura dominada pelo marketing vê a beleza como uma construção do corpo e não da totalidade da pessoa. Então surgem métodos e mais métodos de plásticas e Botox para tornarem as pessoas mais "belas". Por ser construída, é uma beleza sem alma. E se repararmos bem, nesta estética fabricada, emergem pessoas com uma beleza fria e com uma aura de artificialidade, incapaz de irradiar.

Daí irrompe a vaidade, não o amor, pois a beleza tem a ver com o amor e a comunicação. Dostoiêvski observa, nos *Irmãos Karamazov*, que um rosto é belo quando você percebe que nele litigam Deus e o Diabo em torno do bem e do mal. Quando percebe que o bem venceu, irrompe a beleza expressiva, suave, natural e irradiante. Qual beleza é maior? A do rosto frio de uma top-model ou a do rosto enrugado e cheio de irradiação da Irmã Dulce de Salvador, Bahia, ou a da Madre Tereza de Calcutá? A beleza, característica transcendental, se revela como irradiação do ser. Nas duas Irmãs, a irradiação é manifesta, na top-model existe, mas é esmaecida.



O Papa Francisco conferiu especial importância na transmissão da fé cristã à via pulchritudinis (a via da beleza). Não basta que a mensagem seja boa e justa. Ela tem que ser bela, pois só assim chega ao coração das pessoas e suscita o amor que atrai (Exortação A alegria do Evangelho, n. 167). A Igreja não visa o proselitismo, mas a atração que vem do amor e da beleza da mensagem que causa fascínio e produz esplendor.

A beleza é um valor em si mesmo. É gratuita e sem interesse. É como a flor que floresce por florescer, pouco importa se a olham ou não, como diz o místico Angelus Silesius. Quem não se deixa fascinar por uma flor que sorri gratuitamente ao universo? Assim devemos viver a beleza no meio de um mundo de interesses, trocas e mercadorias. Então ela realiza sua origem sânscrita Bet-El-Za, que quer dizer: "o lugar onde Deus brilha". Brilha por tudo e nos faz também brilhar pelo belo que se irradia de nós.



Leonardo Boff –
Escritor, em *A força da ternura*, Editora Mar de Ideias, Rio 2011.



CED AGROURBANO IPÊ PROMOVE ATIVIDADE AMBIENTAL DE REVEGETAÇÃO COM BOMBAS DE SEMENTES

O respeito ao meio ambiente e a preocupação com a natureza têm sido levados à sério pelo Centro Educacional Agrourbano Ipê, do Riacho Fundo II, localizado no Distrito Federal. Fruto de um projeto desenvolvido pelo professor Leonardo Hatano, as **Bombas de Sementes** se tornaram uma ferramenta importante na recuperação do solo e de áreas devastadas.

O projeto de germinação tem como objetivo reverter a degradação ambiental em áreas afetadas, lançando bolas de argila e húmus em locais específicos. Com a função de proteger as sementes de possíveis intempéries e do ataque de animais, as bolinhas ficam protegidas até o momento que começar a chover. A água derrete a argila e hidrata as sementes, que irão germinar. O húmus melhora as condições do solo para a fase inicial de desenvolvimento das plantas. Repleta de sementes, a bomba, ao entrar em contato com o solo, libera os grãos nas áreas afetadas.

A unidade escolar promoveu no dia 11 de dezembro uma Atividade Ambiental de Revegetação na ARIE Granja do Ipê, com o lançamento de bombas de sementes. Participaram da atividade diversos estudantes do CED Agrourbano. A atividade fez parte da gincana virtual **Primavera X**.



A atividade de revegetação na ARIE Granja do Ipê, localizada no Riacho Fundo II, trouxe a preocupação da restauração ecológica e a promoção da biodiversidade da unidade de conservação. Foram utilizadas bombas de sementes com espécies nativas do bioma Cerrado, visando à recuperação e à preservação da vegetação nativa local, além de envolver a comunidade escolar no processo de conscientização ambiental.

O processo de recuperação de áreas degradadas visa ao restabelecimento da funcionalidade de ecossistemas, comumente afetados pela ação humana, promovendo a recuperação de áreas degradadas, danificadas ou destruídas, atividade essencial para melhorar a qualidade de vida da população.

Diante da restauração na vegetação nativa, há uma redução na erosão, aumentando a fertilidade do solo, diminuindo a quantidade de sedimentos – terra e solo – que entram nos rios e auxiliando na melhora da qualidade da água como um todo. “Nesse projeto, os estudantes pesquisaram sobre a microbacia

do Lago Paranoá, desde as duas nascentes próximas da escola até o Oceano Atlântico.

Nesse trajeto, aprenderam sobre os biomas percorridos e todos os problemas enfrentados por essas águas. Problemas causados pela ação humana. Tivemos conversas com especialistas e até um fundador da comunidade em que a escola se encontra.

Por fim, resolvemos fazer um mutirão para semear árvores nativas nas proximidades da nascente, ajudando a preservar a qualidade da água”, finaliza o professor Leonardo.



O Sinpro-DF aproveita este espaço para divulgar projetos de escolas públicas do Distrito Federal que versam sobre a preocupação com o meio ambiente e a natureza.



A ESQUERDA PERDEU ESPAÇO NAS ELEIÇÕES MUNICIPAIS? NA VERDADE, O ESPAÇO SEMPRE FOI RESTRITO

Trajano Jardim

Para o Camarada Athos Pereira, que já não pôde, ele mesmo, fazer sua própria e melhor análise desta nossa conjuntura.



Foto: Roberto Parizotti



Foto: Arquivo Nacional

Os resultados das eleições municipais para vereadores e prefeitos têm levado os chamados analistas da mídia convencional e os cientistas políticos a avaliações equivocadas sobre o desempenho dos setores de esquerda e progressista, concluindo que estes sofreram fragorosa derrota imposta pelos grupos conservadores e de ultradireita.

Não se pode fazer análise correta do nosso sistema político sem uma contextualização histórica da formação da sociedade brasileira a partir da sua gênese, oriunda do sistema patriarcal e escravocrata de suas raízes, em que a partilha territorial emerge a partir da primeira divisão territorial, logo após seu descobrimento, com a criação de 15 capitanias hereditárias.

Um caminho encontrado pela Coroa Portuguesa foi o de delegar a administração do vasto território de sua colônia a particulares. Esse sistema durou até meados do século 18, quando a hereditariedade foi extinta, porém assentou as raízes da propriedade privada da terra. Foi nesse período que surgiram os senhores de engenho,

donos de grandes propriedades de terra, os latifúndios, que também são característicos desse tipo de produção, substituindo o sistema anterior e que impede, até hoje, uma reforma agrária, que outros países efetivaram.

Com o declínio da Monarquia e o começo da República Velha, o período Republicano, iniciado em 1889, foi marcado por uma crise econômica, pouca participação popular e insatisfação por parte da maioria dessa população, especialmente os mais pobres. O apoio à República veio pela maioria elitista, que via no novo governo um meio de recuperar parte das perdas que teve com a abolição da escravidão.

Nesse período, quanto às regras eleitorais, a Constituição determinou que o voto continuasse não secreto, embora fosse obrigatória a assinatura na cédula, o que ensejou a exclusão do direito ao voto aos analfabetos, aos cabos e soldados, aos religiosos sujeitos à obediência eclesiástica e aos mendigos, além das mulheres, que, apesar de serem maioria, há menos de um século, elas não podiam sequer votar. O direito de votarem e

serem votadas só foi garantido em 1932, com o Código Eleitoral, assinado em 24 de fevereiro pelo então presidente Getúlio Vargas.

A Revolução getulista emerge da crise que se desenvolvia no seio da burguesia, ocasionada pela decadência do arranjo político que caracterizou o período da Primeira República e a corrida eleitoral de 1930. A supremacia excessiva paulista na economia e na política provoca a quebra do acordo "café com leite", vigente entre as oligarquias paulistas e mineiras, e provoca a unidade das oligarquias de Minas Gerais, do Rio Grande do Sul e da Paraíba contra o governo vigente.

A Primeira República tornou-se República Velha a partir do momento em que o Exército e o Executivo passaram a ser coadjuvantes dos representantes das oligarquias, que predominaram nos regimes imperiais.

A Revolução de 1930 estabeleceu os rumos de industrialização no país, definiu direitos sociais aos trabalhadores e assentou as bases para a sua identidade como classe. Os trabalhadores, embora não fossem os protagonistas do Movimento, com as



experiências de lutas acumuladas ao longo do período pré-revolucionário, influenciaram os jovens oficiais oriundos das jornadas da Coluna Prestes.

Assim, os militares, no seu ideário, contemplavam diversas bandeiras dos operários e levaram Getúlio Vargas a estabelecer normas que trouxeram benefícios sociais aos trabalhadores, embora a elite representante da burguesia industrial estivesse no comando das ações de diversos setores políticos do movimento. O Tenentismo preparou o caminho para a Revolução de 1930, que alterou definitivamente as estruturas de poder no país, embora o regime instalado não tenha eliminado totalmente a influência do sistema vigente na República Velha.

Nesse contexto, apesar do predomínio da oligarquia mineira-gaúcha no governo oriundo do movimento vitorioso, Getúlio conduziu a política trabalhista de forma a ter sob controle o movimento sindical. O governo criou a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), instrumento que estabeleceu todos os direitos que os trabalhadores conquistaram ao longo do tempo. Instituiu a Justiça do Trabalho, a Carteira de Trabalho, firmou a política do salário-mínimo, o descanso semanal remunerado, a jornada de 8 horas semanais e a regulamentação do trabalho feminino e do trabalho de menores de idade.

No campo político, esse período foi de ferrenha repressão, em que os direitos humanos foram profundamente desrespeitados. Ao mesmo tempo, no campo social e no de proteção aos trabalhadores, a Era Vargas deixou um legado que nenhum governo pós-Estado Novo conseguiu suplantam ou desfazer, apesar de as elites patronais brasileiras e até mesmo de setores de Esquerda e liberal tentarem destruí-lo.

O programa de governo tinha como objetivo principal a industrialização do país. A eclosão da Segunda Guerra, em 1939, colaborou com o objetivo de Vargas e, assim, o Brasil pôde investir fortemente no desenvolvimento industrial.

Isso favoreceu o crescimento da classe trabalhadora que, mesmo



Foto: Senado Federal

com as condicionantes de controle da nova legislação do Estado Novo, o movimento operário buscou formas alternativas de organização para continuar a sua luta independente, o que levou, com o final da guerra, em 1945, à deposição do governo de Getúlio e à volta das oligarquias da Velha República ao poder.

As elites brasileiras jamais toleraram que o trabalhador brasileiro se organizasse como classe. A cada movimento dos trabalhadores, na busca de melhores condições de vida, a reação patronal e a do governo era de pronto e violenta. Refeito do impacto da morte de Vargas, a partir de 1955, o Brasil teve um surto de desenvolvimento, com a participação

efetiva do capital estrangeiro. O ano de 1959 começou com um clima de forte agitação sindical.

Foram deflagradas cerca de 1.000 greves, que envolveram mais de 1.500.000 trabalhadores. Nesse ambiente de ebulição no Movimento Sindical, as discussões sobre temas políticos aumentavam.

O sentimento de unidade da Classe Operária foi o objetivo daquelas que transcorreram durante a luta dos trabalhadores por todo o período democrático, até 1981, na fase pós-ditadura militar de 1964, quando em definitivo o movimento operário brasileiro se fragmentou após a 1ª Conferência da Classe Trabalhadora - CONCLAT.

Mesmo diante da divisão, o movimento sindical manteve certa coesão até 1988, no período da Constituinte.

Durante a Constituinte de 1988, apesar da grande mobilização das entidades de trabalhadores e das correntes progressistas e democráticas, mais uma vez, os setores conservadores e reacionários, como havia ocorrido em outras ocasiões, rearticularam-se diante da perspectiva da construção de uma Carta Magna que correspondesse às propostas históricas das Reformas de Base levantadas até 1963 e foram sustadas por essas mesmas forças que se articularam com setores militares no golpe civil-militar de 1964 e haviam derrotado o movimento de massas pelas "Diretas já".

Assim, o patronato urbano e o rural, articulados no famoso "Centrão", na Constituição dita "Cidadã", por Ulisses Guimarães, apesar de avanços conceituais nos direitos sociais, esse grupo foi cirúrgico nas comissões temáticas, no que diz respeito aos direitos dos trabalhadores, não permitindo nenhuma decisão concreta nas questões da liberdade e da democracia sindical, jogando as decisões importantes para o Congres-

so, por meio de leis complementares. Sabiam eles que, historicamente, os setores conservadores, detentores do capital, sempre foram maioria nas resoluções políticas do país.

Em 27 de outubro de 2002, Luiz Inácio Lula da Silva foi, pela primeira vez, eleito Presidente da República Federativa do Brasil, com quase 53 milhões de votos. O candidato a vice-presidente na chapa vitoriosa foi o empresário e senador José Alencar, do PL de Minas Gerais. Uma tentativa de atrair os setores industriais e arrefecer a fúria do mercado que, em aliança com a mídia hegemônica conservadora, fazia campanha insidiosa contra o PT e os seus aliados, criando um ambiente de terror anticomunista na periferia e no seio da classe média.

Ao mesmo tempo, Lula publicou a "Carta aos brasileiros", que foi lida no dia 22 de junho de 2002, durante encontro sobre o programa de governo do partido. O documento foi interpretado como importante marco de conciliação da campanha de Lula a presidente e entendida como uma indicação de capitulação ao setor econômico-financeiro.

O vice-presidente José Alencar tornou-se aliado fiel do governo e foi um combatente diário dos setores que tentavam, a todo custo, fazer valer na política econômica os interesses do mercado, criticando os altos juros praticados pelo Banco Central.

No final do primeiro mandato do presidente Lula, embora as ações sociais demonstrassem que o governo estava fazendo do Brasil um país menos desigual, as pressões continuaram. As crises políticas tiveram seu ápice em julho de 2005, quando denunciaram o esquema de compra de votos de deputados no Congresso e o financiamento de campanhas por "Caixa 2". Conhecido como o "Escândalo do Mensalão", que resultou na cassação do mandato de José Dirceu, em dezembro de 2005, detentor do principal posto de coordenação política do país naquele momento, sendo tratado pela imprensa como o verdadeiro homem forte da administração federal, a quem caberiam as decisões.

Mesmo com a campanha insidiosa da mídia hegemônica comandada pela Rede Globo, Lula foi reeleito. A eleição presidencial de 2006 mostrou-se uma das mais complexas

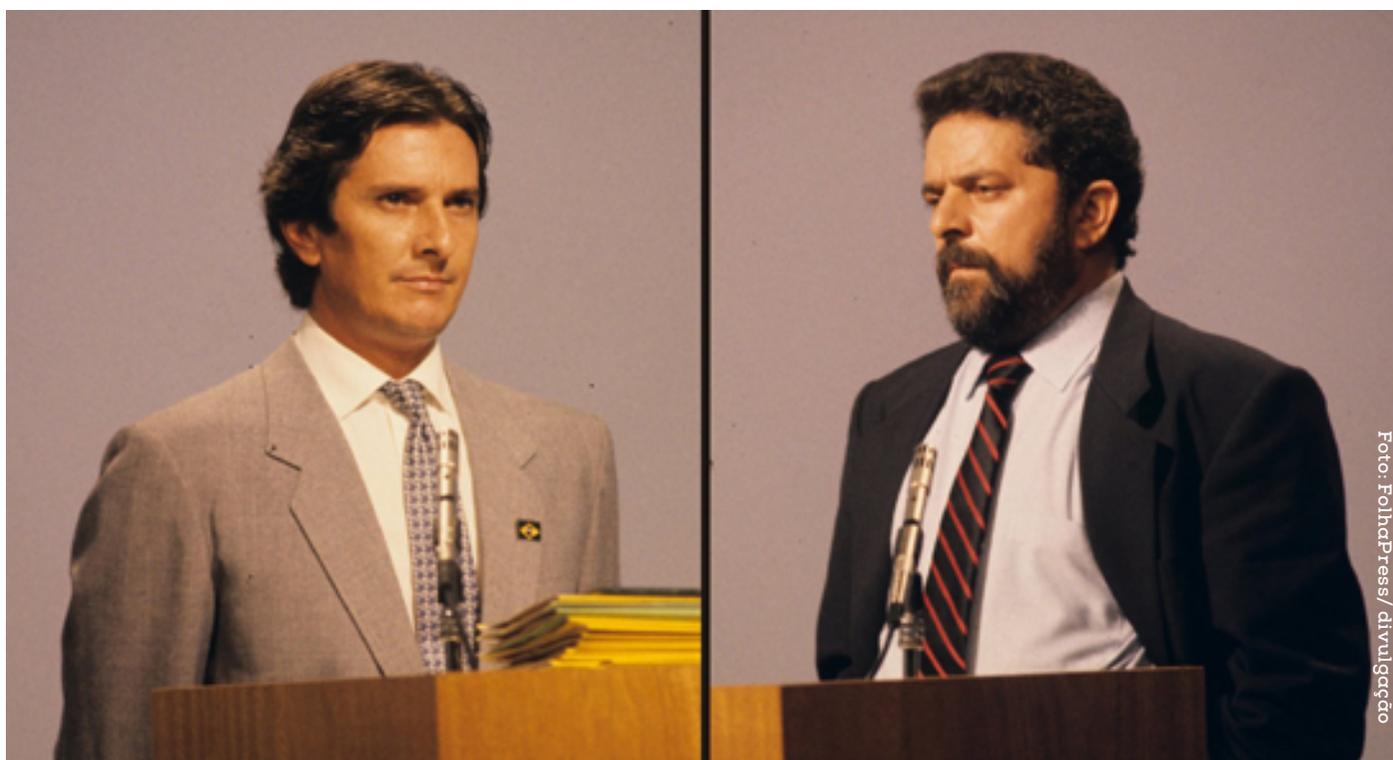


Foto: FolhaPress/ divulgação

da história política brasileira desde a reconstrução democrática.

No final do seu segundo mandato, Lula deixara o Planalto com aprovação de 83% da população, segundo a pesquisa Sensus. Em relação ao futuro governo da presidente eleita, Dilma Rousseff, 69% da população tinha a expectativa de que seria ótimo ou bom.

Com esses dados, conforme ocorreu em várias oportunidades, em que os setores progressistas avançam no combate à desigualdade social, os setores conservadores se rearticulam para retomar o comando do processo de dominação.

No decorrer das manifestações coordenadas pelo Movimento Passe Livres (MPL), surgem as mais diversas bandeiras, sem qualquer ligação com a reivindicação inicial por "Passe livre".

Para se contrapor às propostas de viés à direita, Dilma apresentou na televisão um plano de cinco pactos em resposta às principais reivindicações das ruas – a defesa de uma maior responsabilidade fiscal para evitar o avanço da inflação, a proposta de criar uma assembleia constituinte para promover a reforma política, maiores investimentos em mobilidade urbana, a destinação de 100% dos royalties do pré-sal para a educação e ações voltadas para a melhoria da saúde pública.

Essas propostas, juntamente com a recusa da presidenta Dilma de encampar o projeto de reforma trabalhista da FIESP, foram o estopim para desencadear o processo de golpe que derrubou a presidenta Dilma Rousseff, sob a falsa acusação de ter cometido crime de responsabilidade pela prática das chamadas "pedaladas fiscais" e pela edição de decretos de abertura de crédito sem a autorização do Congresso.

Com a substituição de Dilma Rousseff pelo vice Michel Temer, criaram-se as condições para o patronato e as forças reacionárias voltarem-se contra as organizações sindicais e os trabalhadores. Logo no início do seu mandato usurpado, Temer abraçou a proposta dos patrões e, com apoio do Congresso e a conivência do Judiciário, implantou o projeto "Ponte para o futuro", que, de saída, modificou 110 artigos da CLT.

A principal medida foi acabar, na prática, com a fonte de sustentação financeira das organizações sindicais, o que liquidou de vez com o principal defensor da classe trabalhadora. Sem recursos, os sindicatos perderam sua capacidade de mobilização e os trabalhadores tornaram-se presas fáceis na relação de emprego e no processo de exploração do trabalho.

O capitalismo criou na mentalidade do trabalhador desempregado,

precarizado e uberizado a ideia de que ele era livre, seu próprio patrão e sem necessidade de se organizar em sindicatos.

Dentro desse novo contexto de desestruturação do trabalho, a luta identitária se sobrepõe à luta de classes como principal instrumento de mobilização da classe trabalhadora.

Assim, as esquerdas e os setores progressistas, que sempre tiveram no movimento operário a coluna de sustentação que garantia as conquistas políticas e sociais conseguidas, sem ter estado em nenhum momento com o poder de fato nem de direito, com o domínio absoluto que sempre tiveram as forças dominantes desde a colonização, não pode deixar-se vitimizar pela campanha derrotista da direita reacionária, com os resultados eleitorais municipais.

Nada perdemos, pois o poder nunca esteve em nossas mãos. Nós estamos onde sempre estivemos, enfrentando duras refregas contra o inimigo principal: o capitalismo. Com vitórias e derrotas, avanços e recuos, mas sempre com a certeza de que temos que continuar lutando por um mundo melhor, por uma sociedade justa e solidária.



Trajano Jardim – Jornalista. Conselheiro da Revista Xapuri.





TONANTZIN SE CHAMA GUADALUPE

Eduardo Galeano



Foto: Divulgação/

Muito depois de engrundar Jesus, a Virgem Maria viajou para o México.

Chegou no ano de 1531. Apresentou-se chamando a si mesma de Virgem de Guadalupe, e por afortunada coincidência a visita aconteceu exatamente no lugar onde Tonantzin, a deusa-mãe dos astecas, tinha seu templo.

A Virgem de Guadalupe passou a ser, desde então, a encarnação da nação mexicana: Tonantzin vive na Virgem, e o México e Jesus têm a mesma mãe.

No México, como em toda a América, os deuses proibidos se meteram nas divindades católicas, pelos caminhos do ar, e em seus corpos residem.

Tlaloc chove em São João Batista, e em São Izidro Lavrador floresce Chochipilli.

Tatá Dios é o pai sol.

Tezcatlipoca, Jesus sacrificado, aponta, lá da cruz, os quatro rumos em que sopram os ventos do universo indígena.



Eduardo Galeano (1940 - 2015) - Escritor, em *Os Filhos dos Dias*, Editora L&PM, 2ª edição, 2012.

ENQUANTO HOVER PROFESSOR SEM RECEBER O PISO DO MAGISTÉRIO, A CNTE VAI LUTAR.



A Lei Federal nº 11.738/08, que implementou o piso salarial nacional para os profissionais do magistério público da educação básica, é uma conquista para a classe trabalhadora. Mais de 16 anos desde sua aprovação, porém, muitos prefeitos e governadores ainda insistem em desrespeitar esse direito, desvalorizando a educação pública e desmotivando quem se dedica ao futuro de crianças e jovens.



O PISO É LEI! CUMRA-SE E RESPEITE A NOSSA CARREIRA



XAPURI

CAMPANHA ASSINATURA SOLIDÁRIA

PRA XAPURI ACONTECER, NÓS PRECISAMOS DE VOCÊ.

VENI COM A GENTE!

**REVISTA
IMPRESSA**

ANUAL

R\$ **360**^{,00}
12 EDIÇÕES

BIANUAL

R\$ **600**^{,00}
24 EDIÇÕES

ASSINE JÁ! WWW.XAPURI.INFO/ASSINE

